

A Ordem

Revista do Centro Dom Vital



Centro Dom Vital

© 2014 by Centro Dom Vital

Rio de Janeiro - RJ

Impresso nos EUA - Printed in USA

ISBN 978-1501083662

Impressão e acabamento
Create Space

1ª edição
Setembro de 2014

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser gravada, armazenada em sistema eletrônico, fotocopiada, reproduzida por meios mecânicos ou quaisquer outros sem autorização prévia dos autores.



Centro Dom Vital

Site: www.centrodomvital.com.br

Facebook: www.facebook.com/centrodomvital

Twitter: www.twitter.com/CentroDomVital

Email: comunicacao@centrodomvital.com.br

A ORDEM (NOVA SÉRIE)

**ANO XCIII – VOLUME 98 – NÚMERO 1 -
2014**

DIRETOR DE PUBLICAÇÕES E COMUNICAÇÕES

Sergio de Souza Salles

AUXILIAR DA DIRETORIA DE PUBLICAÇÕES E COMUNICA- ÇÕES

Robson Oliveira

Thiago Cabrera

CAPA E PROJETO GRÁFICO

Robson Oliveira

EDITORES

Mariana Martins

Rafael N. Godinho

Robson Oliveira

Sergio de Souza Salles

Thiago Cabrera

Expediente de A Ordem

Editor: Prof. Dr. Carlos Frederico C. da Silveira

CENTRO DOM VITAL

PRESIDENTE

Carlos Frederico C. da Silveira

Sergio de Sousa Salles

VICE-PRESIDENTES

Gustavo Miguez de Mello

João Paulo dos Reis Velloso

José Arthur Rios

CONSELHO CONSULTIVO

Affonso Arinos de Mello Franco

Alino Lorenzon

Anna Maria Moog Rodrigues

Candido Mendes de Almeida

Evanildo Cavalcante Bechara

João de Scantimburgo

Maria Christina Sá

Maria Pia Guimarães

Pe. Paul Schweitzer, SJ

Vera Mancini Peixoto

DIRETORES

Ana Maria Soares Blum

Leandro Garcia Rodrigues

Luiz Carlos Marques Simões

Maria Christina Sá

Roberto Sobral Pinto Ribeiro

Presentemente a nossa revista tem de se restringir ao seu papel puramente doutrinário. O que julgamos imprescindível é dar um maior desenvolvimento à sua feição panfletária. Escrevemos sem medo esta palavra. Nós não queremos nem podemos ser escravos do convencionalismo, infelizmente reinante nos meios católicos.

(Porque “A Ordem” não pode ser noticiosa, 1922)

Jackson de Figueiredo

Índice

Apresentação

Prof. Carlos Frederico Calvet da Silveira9

Aspectos da História do Centro Dom Vital

Prof. José Arthur Rios..... 13

Uma chave de leitura para a *Evangelii Gaudium*

Pe. José Otácio..... 47

O Pensamento de Joseph Ratzinger, Papa Bento XVI

Anna Maria Moog Rodrigues..... 55

A Atualidade de Santo Tomás de Aquino

Prof. Carlos Frederico Calvet da Silveira 115

Memória do Centro Dom Vital

Prof. Robson de Oliveira Silva..... 135

Por que “A Ordem” não pode ser noticiosa

Jackson de Figueiredo..... 137

Vencido o segundo ano...

Jackson de Figueiredo..... 143

Apresentação

Prof. Carlos Frederico Calvet da Silveira
Universidade Católica de Petrópolis
Presidente do Centro Dom Vital

De tempos em tempos, surgem, em toda instituição, sinais de renovação inesperados. Assim, no seio da Igreja Católica do Brasil, surgiu em 1921, por iniciativa de Jackson de Figueiredo, a revista *A Ordem*, com o fito de alimentar, aperfeiçoar e dinamizar a cultura católica brasileira. Quase um século se passou. Aproximamo-nos do centésimo número desta revista que se foi tornando um dos maiores veículos do debate intelectual brasileiro. Jackson de Figueiredo, Alceu de Amoroso Lima, Sobral Pinto e Gustavo Corção foram os pilares de algumas décadas de frutífero diálogo entre a intelectualidade católica e a nossa sociedade.

Seguiu-se à Ordem, outro sinal de renovação, o Centro Dom Vital, era o ano de 1922. A renovação do pensamento católico brasileiro, vivenciada no Centro Dom Vital, foi registrada nas páginas quase seculares da nossa revista. Com a intenção de difundir para as novas gerações o trabalho dos colaboradores de A Ordem desde sua fundação, a revista compromete-se em republicar, a partir deste número, junto às novas matérias, os mais importantes artigos da sua história. Neste número, dois artigos de Jackson de Figueiredo que explicam a natureza e o escopo de A Ordem. Como naquela ocasião, novos desafios surgem ao nosso pensamento cristão. Alguns desses novos desafios são debatidos nos artigos inéditos que aqui são publicados. Contudo, o maior desafio para a nossa revista e para o Centro Dom Vital é atualizar suas ações consoantes os postulados do Concílio Vaticano II. Na verdade, tal desafio é um compromisso que se exprime com as palavras conciliares sobre o apostolado leigo: “Toda a Igreja-

ja deve trabalhar por tornar os homens capazes de edificar retamente a ordem temporal e de a ordenar, por Cristo, para Deus”. Aos pastores compete propor claramente os princípios relativos ao fim da criação e ao uso do mundo e proporcionar os auxílios morais e espirituais para que a ordem temporal se edifique em Cristo.

Quanto aos leigos, devem eles assumir como encargo próprio seu essa edificação da ordem temporal e agir nela de modo direto e definido, guiados pela luz do Evangelho e a mente da Igreja e movidos pela caridade cristã; enquanto cidadãos, cooperar com os demais com a sua competência específica e a própria responsabilidade; buscando sempre e em todas as coisas a justiça do reino de Deus” (*Apostolicam Actuositatem*, 7).

Aspectos da História do Centro Dom Vital

Prof. José Arthur Rios

Comunicação no Centro Dom Vital – Julho / 2014

*Transcrição da palestra ministrada no dia 21 de julho
de 2014*

Apresentação do Presidente **Prof. Carlos Frederico Calvet da Silveira**

O ilustre professor José Arthur Rios, Vice-Presidente do Centro Dom Vital, mestre das Ciências Sociais em nossas universidades e no Exterior, continua como o trabalhador incansável, que suscita interesse não somente no âmbito acadêmico, mas também na vida pública de nossa Cidade, onde desempenha papel crucial: a voz do pensamento cristão em defesa também dos menos favorecidos. Dos muitos títulos do Professor Rios, aquele que hoje será objeto de nossa atenção é o de membro do nosso Centro. Membro, vice-presidente e testemunha viva de sua história

desde suas primeiras décadas. Tendo convivido com os grandes mestres como Gustavo Corção e Alceu de Amoroso Lima, o Professor Rios vem brindar-nos com sua experiência pessoal, com sua análise aguda dos momentos mais fascinantes do nosso Centro, em paralelo com a história não menos fascinante da Cidade do Rio de Janeiro que, há décadas, conta com sua valiosa reflexão transformadora.

Professor José Arthur Rios

Meu caro presidente, meu caro Gustavo Miguez de Mello, meu caro Pe. Pedro, meus amigos, devem ter percebido que o nosso presidente, Carlos Frederico, já me jogou para o século XVI, o que é um pouco exagerado... Costuma-se dizer que o sociólogo quando chega a certo nível de idade vira historiador. Porque ele não vai mais fazer entrevista, não vai ao campo e tal... então ele tem o recurso de ir aos arquivos. Eu não sei se é por esse motivo que eu me vejo aqui entre vocês para

conversarmos sobre o Centro Dom Vital, a história do Centro Dom Vital, da qual eu fui modestíssimo testemunho durante certo período. Eu gostaria, antes de entrarmos propriamente no Centro, dar uma ideia dos antecedentes. Porque muita gente pensa que o Centro de repente surgiu numa conversa de café, na época talvez do Café Gaúcho, onde o Jackson costumava se reunir com os amigos. De repente, assim como quem funda um clube de futebol. Não é bem isso. Eu acho que as raízes do Centro devem partir da própria época em que Centro surgiu. Eu queria então, em rápidas pinceladas, recordar coisas que todos aqui naturalmente sabem, mas que juntas talvez tragam uma nova luz para entendermos como surgiu essa agremiação. Quer dizer, eu queria evocar um pouco aqui com vocês a atmosfera dos anos 20. A Guerra, a Primeira Guerra Mundial, tinha praticamente terminado, deixando uma esteira de ódios, de incompreensões, de mal-entendidos gerados pelo Tratado de Versalhes, pelo propósito

deliberado de esmagar a Alemanha – o que foi um erro histórico extraordinário em que os aliados todos colaboraram. Portanto, um cenário pesado, melancólico, de que o Brasil participou. Queria lembrar que não se pode separar a história do Centro, a sua origem, de um processo de secularização que o mundo civilizado já vinha atravessando, podemos dizer, desde a Renascença, tranquilamente. O que é isso, essa secularização? É um propósito deliberado na cultura, na mentalidade, na intelectualidade, um processo deliberado de negar Deus. Isto é que é o âmago do processo de secularização, que vem atravessando primeiro a Europa, depois contaminando outros países e outros continentes – com piques, naturalmente, momentos de recrudescimento, momentos de latência, mas vem de certa fora atravessando toda a história dita moderna. É um propósito deliberado no pensamento, na intelectualidade, nos filósofos, nos escritores, de negar a existência de Deus sob uma forma ou outra. Ora, essa secularização essa

exatamente o contrário do que foi toda a Idade Média. Porque a Idade Média, a essência da Idade Média, é uma civilização com a ideia permanente de Deus. É claro, com seus hereges, seus fenômenos de ateísmo, claro, mas o núcleo da civilização medieval era uma crença firme na existência de Deus. E de repente, a partir do século XVI, há uma nítida e evidente ruptura. Não me venham com explicações econômicas: “o capitalismo que nasce...”, tudo isso são consequências desse núcleo, para nós que acreditamos que antes de qualquer determinação social ou econômica ou geográfica vem uma orientação espiritual. E é essa orientação espiritual que condiciona tudo o mais: a Arte, a Literatura, a Ciência... É uma orientação espiritual. Então é preciso entender que há uma luta, há um conflito, entre as pessoas, os grupos, que ainda creem em Deus – e o centro desses grupos evidentemente era, e continua sendo, a Igreja Católica – e o resto, aglomerado em formas as mais variadas de Igrejas, de seitas (Igrejas do

ponto de vista sociológico, evidentemente). E esses processos de secularização vão gerando formas de laicização. A laicização do ensino, por exemplo. O que repercute até hoje, a ideia de tirar o crucifixo das paredes das escolas – isso é uma pequena amostra, um pequeno resíduo desta vastíssima onda que nós ainda estamos vivendo, ainda em nosso século e nosso tempo. Eu lembro que os anos 20 viram uma transição no pontificado. Quem preside a tudo isto é Pio XI. E Pio XI é um Papa perfeitamente consciente – através de suas encíclicas, alerta para esses grandes problemas, não só de vir da sua posição eminente no Pontificado, mas por sua própria vocação espiritual e intelectual. É a época em que surge uma coisa chamada anarquismo e os primeiros atentados. O atentado é uma forma bruta, radical, de eliminar a autoridade. A bomba é um instrumento de eliminar a autoridade e os seus representantes. E nós vemos então nesse período, nessa fase, dita, aliás, a “Belle Époque”. É engraçado, a Belle Épo-

que nos é apresentada como uma época risonha, agradável. Acode-nos logo à mente, a Belle Époque é o Cancã, são aquelas moças sacudindo a perninha em Paris, não é verdade? É o teatro, o *vaudeville*, (...) e aí é *Belle Époque*, é uma época, assim, espumante como champanhe, e se esquece o outro lado, o lado sinistro da *Belle Époque*. E um dos aspectos sinistros é o anarquismo, é a primeira tentativa de eliminar os reis, os chefes de Estado, através do punhal, através do veneno... E é esse movimento, esse anarquismo, afinal, que deflagra a primeira grande Guerra, que termina num massacre. Eu me lembro de uma página do Scott Fitzgerald, do grande escritor americano, num dos seus romances, agora não me lembro bem o título, em que o grupo de turistas viaja no norte da França, na fronteira com a Bélgica, e um deles aponta os cemitérios que se espalham e diz: “Aqui está sepultada a juventude inglesa”. O personagem, evidentemente, era um inglês que estava ali. Outras juventudes foram sacrificadas

– e tudo isso era a Belle Époque. A Grande Guerra era o fim daquela enorme farra que foi a Belle Époque. Então é nesse clima que surge um fenômeno novo no Ocidente. São as massas. Até então havia multidões – a Revolução Francesa é feita por multidões. Mas “massa”, o que é isso? É um fenômeno novo. A massa, a coletivização, é um fenômeno que começa no século XIX com a concentração das populações nas cidades – criando mudanças radicais, por exemplo, nas formas de catequização. O camponês é uma coisa, o campo é uma realidade, a Igreja nasceu durante a Idade Média no campo. A Igreja era rural, como rural era a sociedade da Idade Média. Mas de repente aparece uma concentração em cidades, é um fenômeno novo. Inclusive uma proposta nova para a catequese, para a Igreja. Já o padre que fala do púlpito sente que o público é muito mais amplo que aquela concentração ali diante dele, e ele não tem nem os instrumentos de fazer chegar a mensagem a essa multidão, essa massa. E estamos

vivendo, para terminar um pouco esse quadro, nós estamos vendo todo o desdobrar da Revolução Francesa – todos os efeitos da Revolução Francesa, do jacobinismo, especialmente, que é o auge da Revolução e que vai resultar numa série de governos que se intitulam democratas, mas que, na verdade, são governos de oligarquias, de grupos de interesses não propriamente democratas. Porque o que é interessante é que essa sociedade, estou me referindo à sociedade europeia, ignora o que está acontecendo do outro lado do Atlântico. Ninguém falava dos Estados Unidos, o que estava acontecendo nos Estados Unidos, que era completamente diferente desse mundo europeu. Um cidadão chamado Tocqueville, que foi fazer uma viagem aos Estados Unidos, paradoxalmente, para visitar prisões. Francês nobre, foi visitar prisões, inspecionar prisões, e chega nos Estados Unidos, ele descobre a democracia – que nada tinha a ver com a democracia liberal cultivada na França, com as suas crises periódicas, revoluções,

etc. A Revolução, então, no clima dessa democracia liberal, é um clima pré-revolucionário, permanentemente pré-revolucionário. Porque os desprotegidos, os pobres, os analfabetos, os mendicantes, estão excluídos das decisões tomadas pela cúpula em qualquer daqueles países que constituíam o continente europeu. Isso tudo desemboca num conflito maior que é Revolução Russa em 1917, que é uma revolução dirigida, controlada, administrada por gângsteres, dos quais o melhor – melhor no sentido de inteligência – é Lênin. Porque um homem que manda friamente liquidar com a família imperial – homens, mulheres, crianças – não pode ser considerado um bandido comum, não vamos fazer esse insulto a Lênin. Ele é um bandido de altíssima categoria que tomou conta de um país, não é um banco, é um país inteiro. Esse revolucionarismo, criado então pela Revolução Russa vai atingir, vai começar a chegar às nossas plagas. E aqui eu chego ao nosso Brasil – já não é sem tempo. O Brasil importa esse revo-

lucionarismo, primeiro sob as formas da democracia liberal e pela sequência de golpes, contragolpes – a República se anuncia com um golpe militar. A República continua e as soluções apresentadas para as crises republicanas são crises revolucionárias, que terminam com a Revolução de 30 e com a ditadura de Getúlio Vargas. Então nós temos o Brasil, do ponto de vista da economia, é uma economia dependente, uma economia de exportação dependente dos banqueiros internacionais, principalmente dos banqueiros ingleses. Do ponto de vista social e político é uma sociedade governada por uma oligarquia que muda, pode mudar, e até se chegou a uma fórmula digestiva, o “Café com Leite”. Chamou-se “Café com Leite”. Minas e São Paulo chegaram a um acordo: as duas oligarquias combinadas fizeram o “Café com Leite”. Então isso era o clima brasileiro. E a religião? A Igreja parece que ganhou com a separação do Estado – de fato ganhou. Os bispos deixaram de ser nomeados pelo governo. Eu fico imaginan-

do o Dr. Getúlio Vargas nomeando bispos... que coisa terrível. O Lula, o Lula nomeando bispos! Por consequência da separação. Quando não havia separação era o Padroado, o regime do Padroado. Então Rui Barbosa, muito sensatamente, apoiou e defendeu a separação da Igreja e do Estado. Mas isso teve consequências também não tanto agradáveis: foi a cisão do catolicismo. Surge o catolicismo popular, afastado do catolicismo oficial. O catolicismo oficial é uma coisa, o discurso das igrejas é uma coisa, a prática é outra. Principalmente, já não digo nem a prática popular, a prática da classe média, a prática da burguesia; são coisas diferentes. Enquanto os sacerdotes se esfalfam no púlpito, no sermão, pregando disciplina, contenções morais, éticas – os sujeitos ali ouvem aquilo como uma coisa, uma cerimônia dos domingos. A missa de domingo torna-se uma convenção social, como quase toda religião. Então é uma religião em que o rito se sobrepõe a prática, ao dogma. A prática não tem nada a ver. O sujeito

diz uma coisa, mas na realidade é outra. E surge o tipo extraordinário do católico brasileiro. É um tipo especial. O católico brasileiro é um sujeito que não quer se aborrecer, em primeiro lugar. Então ele pode ir até a missa, ele pode casar os filhos na igreja, mas há certos sacrifícios que ele não faz. Certas práticas que são penosas, jejum, por exemplo, é desagradável, ele gosta de comer bem... “negócio de jejum é para o padre”. O católico brasileiro é muito especial, é um tipo digno de estudo. Muito bem. Então esse era o clima, eu estou dizendo isso a vocês para vocês sentirem o que vai representar o Centro Dom Vital. É isso que eu quero que vocês percebam – o que era a sociedade em que foi criado o Centro Dom Vital. Contra o que o Centro Dom Vital veio, foi criado. E os intelectuais? Ah, isso merece uma referência especial, vocês já vão compreender por quê. O intelectual – quem é esse? Quem é o intelectual? O intelectual é um cavalheiro, pode ser um funcionário público, pode ser um profissional liberal,

que tem uma informação, assim, generalizada, vaga, de certas coisas, principalmente de ideias gerais. O intelectual brasileiro, nessa época, é o homem das ideias gerais. Esse negócio de especialidade é temeroso. Ele detesta especialização. Ele detesta uma disciplina intelectual – porque não havia universidade, lembro, não havia universidade. Então o que havia? Havia uns centros, como a Faculdade de Medicina da Bahia, grande centro médico que surgiu no século XIX e deu vultos notáveis na medicina brasileira; havia a Faculdade de Direito de Recife, de Olinda, depois do Rio de Janeiro... Mas universidade não havia. E a um americano, por exemplo, que chegasse ao Brasil e dissesse “vamos agora visitar uma faculdade”, o americano ficaria um pouco impressionado vendo o relacionamento entre o professor e os alunos, não é mesmo? Eu, por exemplo, quando cheguei aos Estados Unidos, perdoem essa referência autobiográfica, eu quando cheguei aos Estados Unidos, me perguntavam:

- Qual é a sua universidade no Brasil?

Eu olhava o diploma, que eu carregava com orgulho:

- Universidade do Brasil

Aí o americano dizia:

- Espere aí... Universidade do Brasil? Mas espera, a Universidade do Brasil fica na Bahia?

- Não... é Universidade *do Brasil*.

- Mas como uma universidade pode ser *do Brasil*? O senhor deve ser da Universidade do Rio de Janeiro.

Aí dava uma confusão na cabeça do pobre americano. (...) Porque a Universidade do Brasil era realmente uma organização puramente burocrática, tentando coordenar as Faculdades até então isoladas. E o ensino? Nem falemos do ensino... Alguns de nós (não é, Leão?) nos lembramos até com saudade dos nossos tempos acadêmicos. Daí o papel do estudante brasileiro. Porque o estudante americano não tem tempo de sair à rua, de fazer protesto – raramente ele entra num es-

quem desses porque ele tem uma carga de leitura, de estudo, uma disciplina a seguir. Nós não temos nenhuma, só estudamos na véspera da prova. Tenho impressão de que estou falando de coisas muito antigas, vejo o olhar de comiseração, de coisas do passado. Então, é isso. Então não havia clima universitário. Havia uns sujeitos curiosos, não é? Eu, por exemplo, tive um pouco da minha formação filosófica num encontro que eu tinha aos sábados à tarde no apartamento de um amigo na Lagoa que era tabelião. Mas esse tabelião era singular. Era um tabelião que sabia latim, lia alemão, traduzia alemão, lia Hegel... tão vendo? E reunia os amigos ali e conversava sobre Filosofia, sobre Hegel, grego – sabia grego! Imagina, um tabelião. Coitado... até ele era muito roubado no cartório. A bem da verdade se diga, nem era para acontecer outra coisa. Os escreventes roubavam porque ele estava preocupado com Hegel, com Platão e aí os sujeitos iam roubando ele. Bom, mas enfim, eu tive essa iniciação filosó-

fica. Ah sim, depois eu tive uma iniciação filosófica muito mais profunda numa casa no Cosme Velho onde um velhinho, posso chamá-lo assim pelas idades, nos falava sobre São Tomás. Aí a coisa era um pouco diferente. Depois, no Centro Dom Vital, aí já o Centro maduro... então, mas dessa época que estamos falando não havia propriamente centros universitários. Ora, intelectuais. Chegamos a um ponto que é nevrálgico. Eis que um cardeal, arcebispo de Olinda, lança uma pastoral dirigida aos intelectuais. Dom Sebastião Leme. Uma pastoral de choque, porque ele dizia isto que eu estou dizendo do catolicismo, da Igreja no Brasil. Ele não teve escrúpulo em dizer como estava, qual era a situação da Igreja. Resumindo: que maioria católica era essa? Porque o Brasil sempre foi um país católico, mas era católico de estatística:

- O senhor, qual a sua religião?

- Eu sou católico. – brasileiro, católico brasileiro. Todo mundo era católico brasileiro. Então entra na estatística como católico. Então a maio-

ria católica, que coisa formidável, um país católico. Era um país católico dos discursos políticos, mas a realidade? E vem então um arcebispo, não faz por menos, e faz uma declaração textual: “Que maioria católica é essa?”. Trouxe até escrito para não esquecer: “Uma grande força nacional, mas uma força que não atua, que não influi, uma força inerte”. Muito bem. Sebastião Leme vem para o Rio de Janeiro como cardeal adjunto do Cardeal Arcoverde. Depois ele assume e um dia ele está no palácio, ali, na Glória, e entra um sujeito com um chapéu – ele usava um chapéu assim no alto da cabeça com uma bengala embaixo do braço – pede licença, e:

- O senhor é Dom Leme?

- Sou.

- Eu sou Jackson, Jackson de Figueiredo. Eu vim saber do senhor o seguinte: *pá, pá, pá...* A minha trajetória foi essa: eu fui anarquista, materialista, evolucionista, e um dia descobri um homem chamado Farias Brito, aí fiquei deslum-

brado. Vi que aquilo tudo que eu tinha lido e estudado não valia nada e me tornei espiritualista. Mas aí eu cheguei à conclusão que esse espiritualismo era uma coisa, assim, vaga, não me satisfazia e eu estou cada vez mais atraído pela Igreja Católica. Eu quero ser católico.

Dom Leme então disse:

- Então seja.

- Não, mas eu tenho uma dificuldade.

- Qual é a sua dificuldade?

- Eu não consigo aceitar a confissão. Eu não posso me ajoelhar diante de outro homem e contar meus pecados a ele. Não posso aceitar isso. O que o senhor acha?

E Dom Leme disse assim:

- Mas então não se confesse.

- ... Como?

- Não se confesse.

- Como?

- É. Não se sente à vontade... Faça o que diz a sua consciência. Não se confesse. - O sujeito fi-

cou... saiu. Dias depois, esse cavalheiro subiu ali ao convento de Santo Antônio, se confessava, e entrou na Igreja. Essa história, pode parecer anedota a alguns, foi contada por Dom Sebastião Leme a quem? Alceu Amoroso Lima, que narra essa história num livro sobre o Cardeal Leme, que é um livro admirável, onde ele traça a figura, o retrato de Dom Leme, figura extraordinária. E a história o demonstra. Porque é um fato, é uma história com determinado indivíduo. Mas estabeleceu-se uma relação filial entre Dom Leme e Jackson. Porque Jackson, durante toda a sua primeira fase de vida, queria ser escritor, queria ser poeta. Aos quinze anos ele escreve um soneto admirável ao mar, uma beleza, isso ao mar. Num espécie de intuição para o fim que ele teve depois. Pois bem, depois, de repente, ele se engaja. Ele é um homem comprometido. Ele abandona a Literatura. Ele diz: “Eu sou um soldado da Igreja”. E passa a escrever então uma defesa da Igreja contra tudo aquilo que eu bosquejei aqui em tra-

ços amplos. Então ele resolve primeiro lançar “A Ordem”. Muita gente pensa que o Centro Dom Vital veio antes da “Ordem”. Não, o Centro Dom Vital veio depois. Primeiro Jackson organizou um grupo para fazerem, prepararem, “A Ordem”, a revista. E depois é que ele resolveu criar no ano de 1922. Esse ano é um ano marcante, é um ano “dobradiça” na história do Brasil e no mundo. É o ano de criação do Partido Comunista, 1922 – no Brasil, estou me referindo ao Brasil. Então é um ano em que o Jackson cria o Centro Dom Vital sob a bênção de Dom Sebastião Leme. O Centro se reúne aonde? Numa livraria na rua... nem me lembro... deixe-me ver se me lembro aqui... na rua Rodrigo Silva. Existe a rua Rodrigo Silva ali, no Centro da Cidade. Na rua Rodrigo Silva, o Centro se reúne ali. Quem era o Centro? Quem são os diretores, quem é essa gente? Vale a pena nós nos debruçarmos um pouco sobre isso. Amigos do Jackson. Amigos que se reuniam no Café Gaúcho, amigos que colaboravam com ele em jornais, etc.

Hamilton Nogueira, médico, escritor, teve depois uma carreira de político atuante, foi deputado – senador, pela UDN, senador pela UDN, sempre em posições muito firmes de defesa da Igreja – contra o divórcio, contra todas essas falsas modernidades. O outro é Perilo Gomes, mais modesto, diplomata, escreveu um livro admirável chamado “Penso e Creio”. Ninguém mais conhece esse livro, não sabe disso. É um livro de meditação, como meditação foi toda a vida dele. Fui encontrá-lo em Paris, diplomata em Paris, era Cônsul em Paris, Cônsul do Brasil. Era um homem de penitência, um homem de vida religiosa intensa. Escreveu muito, sempre sobre temas religiosos. Durval de Moraes. Quem é que se lembra quem foi Durval de Moraes? Era um poeta de Nossa Senhora, fazia poesia, a poesia de Nossa Senhora. José Vicente de Souza, que eu também conheci, que chegou a ser beneditino, mas que uma crise familiar o obrigou a deixar a Ordem para cuidar dos irmãos menores, desamparados – pediu licen-

ça, teve que deixar a Ordem. Era essa a diretoria do Centro. Muito bem. Mas o que o Centro pretendia? Qual era a finalidade do Centro? A finalidade do Centro, expressa nos seus estatutos, era a preservação de uma cultura católica. Isso parece uma frase, mas não é uma frase. É uma coisa muito séria – é isso uma cultura católica. Mas um país católico não tinha uma cultura católica? Não tinha. Uma cultura católica, quer dizer, uma familiaridade com a palavra da Igreja. Uma prática constante na elite. E aí, vejam bem, a pastoral de Dom Leme se dirigia especialmente aos intelectuais. Não era ao povo em geral não – ele especificamente se refere aos intelectuais: “Onde é que vocês estão? O que vocês estão fazendo? Intelectuais católicos, onde é que vocês estão? Vamos fazer alguma coisa”. Isso tocou profundamente o Jackson e ele considerou isto um imperativo, uma ordem, uma mensagem, e partiu então para o lançamento da revista. Pobrezinha, revista mal impressa, papelzinho ruim, de favor. E assim o

Centro começou nesse sobrado – primeiro debaixo da escada da livraria católica. Porque o Jackson vivia de vender livro. Depois ele conseguiu um cargo público – ele foi censor. Imaginem vocês: censor. Ele foi da censura... não sei como ele sobreviveu. Censor era o homem que censurava. Como não era um idiota ele sabia censurar e o que censurar, mas, de qualquer maneira um grande risco naquela época de luta política verdadeiramente, de Bernardes, de Arthur Bernardes, de Epitácio Pessoa, de revoluções... E Jackson, é seu traço marcante, ele era contra o revolucionarismo. O que é o revolucionarismo? É a fé na revolução. A revolução como um processo salvífico. Desde a Revolução Francesa, nós vamos ser salvos pela revolução. Se necessário, vamos degolar os donos do poder, vamos degolar essa gente que está aí. Então vêm os massacres da Revolução Francesa, vêm depois os massacres da Revolução Russa, depois vêm os massacres cubanos. Eu estive no gabinete desse líder admirável que foi Che Gue-

vara. Líder de moços, ainda herói de uma moçada. Eu estive no gabinete de onde Che Guevara comandava os fuzilamentos. Homem coerente, era um revolucionário coerente, ele estava dentro de uma tradição revolucionária que datava pelo menos da Revolução Francesa. Não se pode dizer que ele fosse incoerente. É o ídolo hoje ainda de meninos, de moças que têm o retrato de Che Guevara, simpático, colado no quarto, na porta do quarto. Mas enfim, Jackson era o antirrevolucionário. Por isso ele chamou a revista “A Ordem”. Não é a ordem de autoridade, não é a ordem policial – é a ordem do universo, é a ordem criada por Deus, é a ordem numa sociedade onde todos têm direito a participar, onde todos têm direito a comer. É essa a ordem. É isso que é a ordem. Não é o poder. O poder foi um conceito que depois cresceu muito, discutiu-se muito o poder, há bibliotecas sobre o poder. E a ordem? Onde é que fica a ordem? E o poder? O que é que representa o poder sem a ordem? Então toda a literatura de Jackson é nesse

sentido, de defender uma ordem que é, antes de tudo, sobrenatural para depois ser uma ordem política ou social. Porque nós sabemos que não há autoridade sem uma presença na autoridade, uma presença superior, uma presença transcendente. É isso que legitima (não é, Gustavo? A palavra não é essa? Olha, me corrige, hein)... que legitima a autoridade. Não é o decreto ou nomeação, é outra coisa. Decreto a gente rasga, é outra coisa. Bom, essa era a ideia de Jackson. E os estatutos também se referem, isso é também importante, à orientação doutrinária dentro do magistério da Igreja. O que era isso? É o tomismo (hein, ô Carlos?), doutrina da Igreja é o tomismo. Não tem outra coisa, é o tomismo. Porque Leão XVIII, só para lembrar isso porque vocês estão fartos de saber, numa carta ao Cardeal de Malines, na Bélgica, dizia o seguinte – isso muita gente esquece hoje, hein – , veja bem, é grande Papa Leão XVIII: “Desejamos que as escolas católicas orientem-se pela doutrina de Santo Tomás, propondo-

se todavia a harmonizá-la com o progresso e as descobertas modernas devidamente e cientificamente estabelecidas. Esse procedimento”, continua o Papa, “o único verdadeiro e eficaz, nós o queremos adotado por mestres e alunos”. Então vejam como nesse modestíssimo estatuto, talvez redigido numa mesa do Café Gaúcho, está contida uma tradição, o respeito a essa tradição, uma continuidade dessa tradição. E aí nós vemos como o nosso modestíssimo Centro Dom Vital se filia a uma renascença da cultura católica no século XIX cujos grandes nomes eu me dispenso aqui de mencionar. E após o falecimento de seu fundador, em novembro, falecido como vocês sabem numa pescaria, tragado pelo mar – e aí é que parece que aquele soneto dos quinze anos é uma premonição –, foi arrastado por uma onda quando pescava na companhia de um filho de um amigo, foi arrastado pela onda aos 38 anos. Tudo isso ele faz até os 38 anos de idade. Esse homem desaparece mas imediatamente encontra um sucessor na figura de

Alceu Amoroso Lima que, evidentemente, tinha outra forma de pensamento. Não tinha a ardência do temperamento de Jackson. Era um intelectual, um escritor, um homem de outra formação social e modificou a orientação de Jackson. Não nesses traços básicos que o Centro continuou mantendo, mas Alceu abriu o Centro para uma intelectualidade, inclusive francesa, com a qual ele se relacionava por carta. De modo que nós tivemos no Rio de Janeiro a fina flor da inteligência católica francesa, europeia. Aí entro eu, modestamente, aí que eu comecei a frequentar o Centro – onde eu ouvi, por exemplo, Georges Bernanos, o grande escritor católico, trazido por Alceu; onde ouvi dominicanos, beneditinos, jesuítas, que vinham de passagem, o Alceu pegava e levava logo para o Centro para fazer pelo menos uma conferência. Era a prestação que Alceu exigia deles na sua passagem pelo Rio. E aí eu vi a fina flor da inteligência católica europeia. Bom, num dado momento Alceu foi ocupar um cargo na Organização dos

Estados Americanos e foi substituído por Gustavo Corção, também outra figura, outro tipo de formação. Engenheiro, técnico, mas de enorme cultura literária e que substituiu Alceu, e os outros que vieram e que se mantêm fiéis a essa tradição. Então, Sobral Pinto – aqui representado, muito bem representado – Sobral, que era uma chama viva, talvez o maior advogado que o Brasil conheceu, pela coragem das suas atitudes e pela absoluta fidelidade aos princípios da Igreja. Também com ele convivi. Parece incrível... é um dado também autobiográfico, eu peço desculpas de mencionar, parece incrível: meu padrinho de casamento. Meus padrinhos de casamento foram Alceu e Sobral Pinto. Você já imaginou? Mal sabiam eles, coitados, onde eles estavam se metendo. Então é isso aí. Agora vejam como isso é interessante: e o Centro sempre se defrontou com uma ideologia – porque nós entramos, então, na era das ideologias – na República era o positivismo. O positivismo era uma coisa seríssima. Não como filosofia, fique

tranquilo Carlos, mas como tomada de posição. Eram todos positivistas, embora muitos não tivessem lido Augusto Comte não, isso aí é outra coisa. Mas eram positivistas porque o positivismo, vocês sabem, terminou numa igreja que todos podem visitar ali na Rua Benjamin Constant, aberta ao público. É engraçadíssima, cópia de uma igreja católica. É uma cópia só que não tem santo ali, tem umas estátuas dos benfeitores da humanidade escolhidos por Augusto Comte, selecionados. Mas dava emprego, o positivismo dava emprego. Não era brincadeira não:

- O senhor é positivista? Entra.

Mas não só no governo federal, nos estados havia uma elite positivista. Isso depois mudou, virou, e em tempos mais recentes o positivismo foi substituído pelo marxismo. Também o marxismo deu muito emprego, também, no Brasil. Não sei se ainda dá não, porque a variante atual do marxismo não é muito de dar emprego não, é uma gente mais fechada. Enfim, o Centro sempre este-

ve na brecha, na trincheira, e, nisto, ele se mantém, graças a Deus, fiel a uma tradição e ao pensamento do seu fundador e dos seus continuadores. Bem, é isso mais ou menos que eu queria dizer. Estou ainda deixando um tempo aí para perguntas e quero agradecer muito à acolhida aqui e a oportunidade que me deram de remexer nesses papéis antigos, porque a gente remexe nesses papéis para poder juntar essas coisas. Isso não é de graça, a gente tem que fazer um trabalhozinho de pesquisa nas gavetas, evocar essas figuras. Eu me lembro, por exemplo, que o Centro também tem, é o Centro dos anos 20, é o Centro dos anos 30, Alceu, e é o Centro dos anos 40, Corção, Sobral. O Centro... o clima do Centro vai mudando, mas ele sempre fiel a uma doutrina, a uma ideia. E também as figuras que passam, importantíssima é a relação que se estabelece com o Mosteiro de São Bento. É fantástico. Muitos beneditinos se formam primeiro no Centro. O Centro forneceu doze de seus membros para a Ordem do São Bento. Os

grandes beneditinos, Dom Irineu Pena; Dom Marcos Barbosa, o poeta; Dom Odilon, que escreveu um livro admirável sobre a história da Igreja nessa época contemporânea, muito simples, muito correta. Enfim, essa gente, quando moços, frequentavam o Centro. E eu me lembro de assistir a conferências, assistir ao Dr. Alceu fazendo uma conferência sobre literatura – um curso, um curso do Dr. Alceu sobre crítica literária. Lembro-me nitidamente disso. Depois ele reuniu num livrinho que deve estar esgotado. Eu me lembro que uma noite eu ia ali pela Praça XV e vi o Corção com o Frei Romeu. Frei Romeu era uma espécie de capelão no Centro (lembra, Gustavo?). E aí eu disse assim:

- Aonde vocês vão nessa pressa? – E os dois, aí o Corção disse:

- Nós estamos indo para o Centro Dom Vital – Eu digo:

- Centro Dom Vital? – Eu estava farto de conhecer porque eu tinha um interesse sentimental,

eu ia ver uma moça no Centro Dom Vital. Não era, não, vamos ser verdadeiros, não era apenas a devoção que me levava ao Centro Dom Vital. Então eu disse:

- Ah, mas vocês vão para lá? – Aí o Corção me diz assim:

- Venha, venha, a porta é estreita mas aberta a todos!

Eu gostei dessa aplicação do Evangelho: “A porta é estreita mas aberta a todos”. É uma época então que eu me lembro do Frei Romeu, dos dominicanos, dos beneditinos... havia uma circulação dos jesuítas... Essa gente toda circulava pelo Centro. Eu não vim aqui propriamente fazer uma história do Centro Dom Vital, vocês sentem que isso é impossível e eu espero que alguém mais credenciado venha a fazer, mas eu vim aqui dar a vocês uma ideia, um esboço do que o Centro foi e do que eu espero que continue a ser com a nova diretoria, com o novo presidente. Muito obrigado.

Uma chave de leitura para a *Evangelii Gaudium*¹

Pe. José Otácio

Comunicação no Centro Dom Vital – Junho / 2014

Professor da PUC-Rio

O Papa Francisco é tudo menos que um homem de teoria. Suas atitudes porém conduzem a alguns princípios que indicam sua percepção do cristianismo. Na *Evangelii Gaudium* ele teve ocasião de apresentar esses princípios: quanto à fé é o *querigma*, quanto ao agir moral cristão é a misericórdia. Ficou patente, também, sua percepção do mundo, e respectiva missão da Igreja junto a esse.

O *querigma* é a ação gratuita de amor de Deus pelo ser humano manifestado na morte de Jesus para perdoar nossos pecados e na sua ressurreição para criar uma relação adequada entre

¹ PAPA FRANCISCO, *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*, Paulinas: São Paulo, 2013.

nós e o Pai, reconciliando-nos com Ele. O acesso a esse dom salvífico se dá pela fé em Cristo.

A misericórdia é a atitude de vir em socorro de quem é mais fraco na relação. Essa fragilidade é ocasião para que nosso agir mais se aproxime da ação de Deus, dado que é próprio de Deus vir em socorro de quem precisa.

Para justificar suas escolhas por esses fundamentos, o Papa parte do princípio de que haja uma hierarquia nas verdades de fé e nas atitudes morais concretas. Entenda-se que não há de reter que um ponto seja menos crível que outro da fé, mas que na estrutura da revelação do que seja Deus e do que somos nós haja elementos que formam o núcleo e que dê luz ao conjunto do que recebemos como *depositum fidei*. Ao falar que se trata do *querigma*, o Papa salienta a preeminência do dom sobre a resposta; por outro lado destaca o cristocentrismo que, sendo óbvio, sempre deve ser reproposto.

Sobre este ponto da centralidade do *querigma* o Papa tem como referência teórica a reflexão de Santo Tomás de Aquino sobre o elemento mais forte (*potissimum*) da Lei Nova, do cristianismo. Para Tomás não pode estar em nenhuma lei escrita, mas na lei infusa no coração humano, que é o dom do Espírito Santo dado pela fé em Cristo². Ora, se o elemento mais forte é o dom do Espírito Santo, deverá ser ele o primeiro no anúncio do Evangelho, e sempre de novo reproposto em todas as fases da pregação, da catequese e da ação evangelizadora da Igreja.

Ainda sobre este ponto, o Papa coloca em guarda de uma percepção rígida da ortodoxia, uma linguagem que mais esconde que transmite a novidade do cristianismo. Tal linguagem, com formalidade ortodoxa, poderia prestar um desserviço ao Evangelho que quer defender. Não é só uma linguagem, mas a postura de fechamento ao

² Cf. TOMÁS DE AQUINO, *Suma Teológica* I-II. q. CVI, a. 1c.

diálogo com percepções diferentes, de abertura a que o Espírito Santo possa sempre conduzir a um conhecimento mais profundo do que foi dado pela revelação.

É sempre bom lembrar que toda narrativa da fé traz a carga de um tempo, de um momento histórico com suas questões relevantes naquele momento, mas menos relevante em outro. Daí não ter medo de rever costumes, formas de narrar a fé e as estruturas eclesiais. A Igreja é consciente disso, haja vista ela não reimprimiu o catecismo de Trento, mas escreveu outro no início da década de 90. Outro catecismo, mas não outra fé! O Papa achou por bem visitar o princípio da historicidade das formulações da fé.

Os novos tempos não determinam o conteúdo da fé, mas exigem outra forma de dizê-la. Não só isso, mas esse tempo requer a simplificação das formalidades, para o acesso mais direto ao elemento encantador do cristianismo: a pessoa de Cristo, que dá novo horizonte para vida.

Quanto ao agir moral, a mesma linha de reflexão é seguida pelo Papa. No edifício do *corpus* da moral há algo de fundamental e que mais nos identifica com Deus: a misericórdia³. O pressuposto do Papa é o princípio de que o objetivo do agir humano é repetir a modo de agir de Deus: “sede perfeitos como Pai celeste é perfeito”. Essa perfeição é ser misericordioso como Ele é.

Também aqui a nobre busca de propor que todos os âmbitos da vida cristã sejam alcançados pela retidão, pode fazer do cristianismo uma religião pesada, sem espaço para o discernimento pessoal, a consciência que manifesta a liberdade. Podendo desfigurar a natureza do cristianismo de uma religião do “fardo leve” em uma religião de escravos sobre um legalismo pesado.

Também nesse ponto o Papa reabilitou a sutil reflexão de São Tomás de Aquino, que por sua vez cita Santo Agostinho. A questão de Tomás é

³ Cf. TOMÁS DE AQUINO, *Suma Teológica* II-II, q. 40, a. IV, ad 1.

se a Lei Nova é mais onerosa que a Lei Antiga. Sua conclusão é que a Lei nova, por sua natureza é mais exigente no interior do coração, não nas suas formulações externas.

Baseado nesse princípio e na outra reflexão que Tomás faz de que, quanto ao agir externo a virtude maior é o agir misericordioso, o amor para com os fracos, o Papa pede que seja a atitude misericordiosa a dar forma a todo agir moral. Propõe que supere uma percepção intimista da vida cristã que gasta toda a energia cuidando da própria interioridade com o risco de não perceber as necessidades dos irmãos ao entorno. A parábola do bom samaritano bem ilustra o que o Papa quer dizer.

Quanto à sua percepção de estado de ânimo do mundo, a obra de Georges Bernanos citada por ele, é um bom diagnóstico⁴. O mundo se encontra sob o tédio, tédio que causa uma tristeza por ter

⁴ BERNANOS. G. *Diário de um pároco de aldeia*. Paulus: São Paulo, 2000.

perdido o “espírito de infância” e, desejando estar emancipado como adulto, não aceita a reserva de alegria que a Igreja teria.

Qual é a resposta a ser dada? O anúncio do Evangelho da Alegria, da simplicidade e despojamento dos mensageiros, impulsionados pelo Espírito cheios de amor pelo ser humano, particularmente pelos mais fracos.

Em suma, a *Evangelii Gaudium* propõe uma grande reforma que não é outra coisa que uma ênfase no que é principal na fé e no agir moral. A consequência disso é uma atitude de leveza na vida cristã, como resposta à tristeza individualista, numa percepção da Igreja como missionária para levar a todos essa boa nova da alegria que é dom, antes de tudo. No que diz respeito ao empenho que emana do dom recebido, a misericórdia será a força renovadora das relações: um coração alcançado pelo Espírito Santo dado pela fé em Jesus Cristo, naturalmente – ou sobrenaturalmente – agirá de forma nova.

[Uma chave de leitura para a *Evangelii Gaudium*]

O Pensamento de Joseph Ratzinger, Papa Bento XVI

Anna Maria Moog Rodrigues
Membro do Centro Dom Vital
Membro da Academia Fides et Ratio

O presente trabalho foi realizado única e exclusivamente com o objetivo de apresentar o pensamento de Joseph Ratzinger, o Papa Bento XVI, aos membros da Academia Fides et Ratio da forma mais fiel ao texto possível. Não houve qualquer veleidade de lhe acrescentar uma interpretação ou apreciação crítica. Por vezes, a autora apenas se permitiu adicionar ao tema alguma palavra esclarecedora. Isto porque o objetivo visado foi o de expor o pensamento do Papa de forma clara sem prejuízo da profundidade do pensamento do autor.

O pensamento de Joseph Ratzinger, o Papa Bento XVI, está refletido em uma quantidade grande de publicações. Trata-se de um estudioso que tem uma enorme facilidade de escrever. Tal-

vez seja o Papa em cuja biografia se encontre o maior numero de livros publicados.

Para analisar o seu pensamento proponho-me dividir o tema em duas partes:

- a) a análise da problemática histórica contemporânea e
- b) o pensamento de cunho teológico propriamente dito.

ANÁLISE DA PROBLEMÁTICA HISTÓRICA CONTEMPORÂNEA

Quanto à abordagem da primeira parte, a análise da problemática histórica contemporânea, proponho apresentar o pensamento de Ratzinger como se ele estivesse respondendo as três perguntas clássicas, as célebres perguntas que Kant se propôs responder em sua obra, a saber:

- 1) O que posso saber?
- 2) O que devo fazer?
- 3) O que posso esperar?

A quarta pergunta, ---4) O que é o homem? --
ficará por conta da abordagem do pensamento
teológico, já na segunda parte do trabalho.

1) O que posso saber?

No livro sobre Europa, Hoje e Amanhã, publicado em 2004 Ratzinger faz uma recapitulação da história da Europa.

Inicia por afirmar que Europa é um conceito cultural e histórico mais do que uma realidade geográfica objetiva. Este conceito é enunciado pela primeira vez na obra de Heródoto (cerca de 484-425 a.C.) sem que o historiador grego tenha definido os limites ou os contornos geográficos do que chamou de Europa.

Com a queda do Império Romano, o conceito de Europa, que então compreendia todas as terras que circundavam o Mediterrâneo, caiu em desuso. Depois dessa primeira ruptura, a seguinte se dou com a divisão da Europa entre Roma, o Império

Romano do Ocidente e Constantinopla, o Império Bizantino, o qual se considerava a continuação verdadeira da Roma antiga.

Finalmente, o conceito Europa ficará definido com o aparecimento de Carlos Magno no século VIII, quando foi fundado o Sacro Império Romano, compreendendo a Gália, Alemanha, Britânia e os países escandinavos. A Europa incluía também o Império Bizantino e suas conquistas dos territórios dos povos eslavos. Ficará definida em relação a uma realidade cultural que tinha por fundamento, até bem pouco tempo, o cristianismo com seus valores morais e culturais. Após a invasão do Islão e a queda de Constantinopla, a Europa será dividida em torno de dois centros culturais, Roma e Moscou, havendo este último se tornado o novo centro do oriente.

A América, descoberta e colonizada pelos europeus, representou uma extensão da cultura europeia até o século XIX, quando se tornou inde-

pendente. Mas, para todos os efeitos, continua a fazer parte da cultura europeia.

Um terceiro momento de crise da cultura europeia, o primeiro havendo sido a queda do Império Romano, o segundo a ruptura entre o Império do Ocidente e o do Oriente, ocorreu com a Revolução Francesa (1784). No seio da cultura europeia, que se baseava no cristianismo, surgiu pela primeira vez um Estado inteiramente secular, dissociado de qualquer referência a uma ordem sagrada, inteiramente dependente da vontade dos cidadãos.

A crença em Deus passou a ser questão de foro íntimo e Deus foi inteiramente afastado da ordem política.

Hoje, a cultura europeia se universalizou. Isto se deu na medida em que a aspiração aos bens materiais que são propiciados pela revolução tecnológica abrange todo o mundo. As antigas tradições religiosas e culturais dos povos do Oriente Médio, Ásia e África estão em crise, dado que

o pensamento secular europeu está dominando cada vez mais a vida pública desses países. Entretanto, o enriquecimento dos países de cultura islâmica, permite que estes apresentem uma alternativa ao modo de vida ocidental, mormente porque apresentam uma estrutura fundada numa vivência espiritual.

As grandes tradições religiosas da Ásia, com seus elementos místicos, principalmente aqueles expressos no Hinduísmo e no Budismo, representam forças espirituais em confronto com a Europa, que atualmente renega seus fundamentos religiosos e morais.

Aparece aqui um estranho paradoxo: no momento em que emerge um mundo globalizado com o triunfo da forma de pensar e estilo de vida baseados na cultura tecnológica -secular pós-européia,-- tem-se a impressão, em toda a parte, mas principalmente no mundo não europeu da Ásia e África, que os valores europeus - nos quais a Europa havia baseado a sua própria identidade,

sua cultura e sua fé – já chegaram ao fim, já deixaram a cena. Tem-se a impressão de que agora chegou a hora da ascensão de outros sistemas de valores, quer da América pré-colombiana, quer do Islão ou do misticismo asiático.

No momento de seu maior triunfo, a Europa parece paralisada, esvaziada, numa crise que subverte sua própria identidade. Com a diminuição de sua energia espiritual, parece que a Europa desaparece etnicamente também. Isto porque as crianças, que são a expressão da crença no futuro, passaram a ser consideradas pela população adulta europeia como um encargo, uma limitação ao gozo dos prazeres e do bem estar material. Este fato convida a uma comparação com o final do Império Romano.

Duas são as interpretações para explicar a presente crise da Europa, a tese do alemão Oswald Spengler que afirma que cada civilização tem sete fases, nascimento, infância, juventude, maturidade, apogeu, declínio e morte. Ao ver de

Spengler, a Europa estaria nesta última fase. O livro de Spengler, “A Decadência do Ocidente” publicado em 1917, teve na época em que foi lançado, grande repercussão. Escrito durante a Primeira Grande Guerra Mundial, antecipou-se à Segunda.

A outra tese, é a do inglês Arnold Toynbee. Toynbee afirma que as civilizações crescem ou desaparecem na medida em que são capazes ou não de enfrentar desafios. Ele acredita que a civilização ocidental foi a única que, tal como a Fênix, foi capaz de ressurgir das próprias cinzas e conseqüentemente, ela, a Europa, ainda tem a capacidade de renascer mais uma vez. Para Toynbee, a crise do Ocidente seria causada pela perda dos valores religiosos e pela excessiva militarização. Em última instância, pelo secularismo. Confiava em que, uma vez reconhecida a causa da crise, poder-se-ia corrigi-la. Isto se daria pela reintrodução dos valores religiosos na civilização ociden-

tal. O livro de Toynbee, "Um Estudo da História" fez enorme sucesso na década de '50.

As análises tanto de Spengler quanto de Toynbee não podem ser comprovadas porque não podemos prever o futuro.

Nesse meio tempo, surgiu outra interpretação da história, a doutrina do socialismo. Não obstante o socialismo democrático ter semelhanças com a doutrina social da Igreja Católica, em sua forma marxista e totalitária é associado a uma filosofia da história rigidamente materialista e ateia. Os sistemas totalitários, que dominaram grande parte da Europa no século XX, soçobram. Mas os problemas complexos deixados pelo marxismo sobrevivem.

Chegamos hoje a uma situação em que é patente a perda das certezas primordiais, sobre Deus, sobre o homem e sobre o universo, e a perda dos valores morais. A persistir esta situação, ela poderá levar à autodestruição da consciência europeia.

Busquei até aqui fazer uma exposição do pensamento de Ratzinger tal como expresso no livro Europa Hoje e Amanhã.

Já no livro A Fé e o Futuro, publicado em 1971, Ratzinger havia indicado que Augusto Comte, no século XIX, havia apontado três momentos na evolução do pensamento humano através da história: a primeira fase teria sido a teológica, a segunda fase, a metafísica e a terceira e última fase seria a positiva, quando o pensamento teria alcançado seu estágio final e definitivo. Nessa fase, as crenças em Deus ou nos deuses, teriam sido inteiramente ultrapassadas, tais como o foram as crenças nos deuses do panteão grego. A moral seria ditada pela ciência, por uma física social.

O próprio Comte, no final de sua obra, dedicou-se a criar uma religião, a Religião da Humanidade, pois concluiu que os homens podem viver sem Deus mas não podem viver sem religião.

Hoje parece incontrovertido que grande parte das previsões de Augusto Comte se realizaram. A questão de Deus parece não mais se colocar para a maioria das inteligências.

A crise em que o cristão se encontra foi provocada pelo fato de que a filosofia o deixou na mão!

Na Antiguidade e na Idade Media, uma das coisas que ajudavam a fé era o fato de que a filosofia apresentava um quadro do mundo no qual a fé tinha um lugar significativo. Até o início da época moderna, a filosofia representava um campo intermediário entre as ciências, – as quais forçosamente excluem Deus do seu método – e a fé.

Apesar das diferenças, permanecia uma raiz comum, geralmente aceita, a metafísica, na qual era legítimo falar-se de Deus, criador do mundo, fundamento do universo. A filosofia propiciava então uma base conceitual sobre a qual se podia apoiar a ideia de um Deus que se revelasse aos homens.

Mas depois de Kant, (século XVIII), a unidade do pensamento filosófico ficou esgarçada, isto é, a filosofia ficou dividida em duas partes, antes e depois de Kant. Com a Crítica de Kant (Crítica da Razão Pura, Crítica da Razão Prática, Crítica do Juízo), a ideia de que o pensamento humano pudesse ter acesso à realidade tal como ela é, ideia que vigorava até então, ficou interdita.

Kant considerou que a realidade fenomênica, isto é, aquela à qual temos acesso, é constituída na nossa mente pelas nossas categorias mentais. Consequentemente, a ideia de uma causa última de tudo o que existe, passa a ser fruto de uma nossa categoria mental, a categoria mental da causalidade. E ela pertence ao escopo da metafísica, que para Kant é o terreno de conjecturas e não de certezas.

É claro que ainda subsistem filosofias que consideram uma metafísica possível. Mas os defensores deste pensamento, os filósofos desta linha, não podem atrasar o relógio. A filosofia de-

les não pode mais se apresentar como “A Filosofia”, “A Filosofia Perene”. Será apenas “uma” filosofia. Hoje não há mais lugar para “A Filosofia”. Há apenas filosofias. O próprio existencialismo, tão em voga em meados do século XX parece já estar saindo de cena.

Conclusão, não se pode mais provar inequivocamente, isto é, como se prova uma teoria científica, a existência de Deus nem a necessidade de Deus para o homem.

Aí está a raiz de todo o movimento filosófico da atualidade, que leva ao descrédito e destruição da filosofia em geral.

A filosofia hoje é guiada pela busca de se tornar uma ciência exata. Mas, quanto mais as ciências desenvolvem seu próprio método, tanto mais crescem e se desenvolvem de acordo com este método, tanto mais cresce a distância entre elas e uma linguagem científica para a filosofia.

Não há mais certezas filosóficas, não há mais certezas além daquelas que nos oferecem as ciências.

Chegamos assim ao fim da linha, previsto por Augusto Comte, no que diz respeito a uma resposta filosófica para a pergunta sobre Deus.

Kant, ao ter analisado as condições de possibilidade do conhecimento humano, ao ter analisado as leis que regem a consciência humana no ato de conhecer, diminuiu progressivamente o escopo da filosofia.

Fichte, Hegel, Schelling, tentaram alcançar a totalidade do real, propondo uma razão absoluta, qual uma totalidade, a qual seria responsável por uma realidade total, fruto dessa mesma razão, uma realidade que seria puramente ideal. A realidade seria totalmente constituída na mente humana. Mas foi essa tentativa que levou Feuerbach e Marx a negarem essa razão absoluta e, ao contrário, levou-os a fazerem da matéria – em sua evolução – a única realidade. Marx afirmará que

não há verdade absoluta. A realidade tornou-se mudança. Cabe ao homem intervir nesse processo, mudando ele mesmo o mundo. E mudando a si mesmo. E assim criando a sua própria verdade e recriando o mundo à sua própria semelhança.

Daí decorre, em última instância, que a verdade passou a ser uma função do dos homens que criam a nova verdade, a verdade passou a ser relativa a quem a cria. Em última instância, a verdade passou a ser uma função dos interesses do partido comunista. Quem não quisesse aceitar esta colocação, teria que voltar a Kant e fechar-se dentro da própria consciência. O Liberalismo como pensamento político, o Culturalismo, e o Historicismo como pensamento filosófico tem também por fundamento o pensamento kantiano.

O resultado é que, dois séculos depois de Kant, a filosofia ainda se encontra fragmentada e desamparada. Uma filosofia de partido não leva à filosofia como tal. O que resta? Heidegger chama para uma retirada, para um reencontro com Só-

crates. — o Ser, a Verdade, só pode ser reconhecido pela voz dos poetas. Sartre segue adiante nesse caminho, colocando a filosofia no teatro.

Hoje, o palco foi tomado por Wittgenstein. O programa de Wittgenstein é traduzir a filosofia definitivamente em uma ciência exata, confinando-a à análise da linguagem. A tentativa de elucidar a consciência parece a Wittgenstein demasiado ambiciosa. Apenas o que nos é acessível imediatamente são as expressões da consciência, isto é, a linguagem.

Assim, se um homem não pode falar sobre o que não seja significativo do ponto de vista da exatidão “científica” de sua fala, só lhe resta o cálculo, o agir produtivo, a ciência e a tecnologia. O resto não faz sentido. É “non-sense”.

No final do Tractatus Logico-philosophicus, Wittgenstein escreveu: —“Aquilo sobre o que não se pode falar, se deve silenciar”.

Tal é a proposta positivista. O positivismo nas ciências exatas é útil e necessário para a so-

lução de grandes problemas que a humanidade enfrenta. Mas como filosofia é intolerável e representa o fim da humanidade como tal.

2) O que devo fazer?

O homem precisa falar sobre o inexpressível se quiser falar sobre si mesmo, se quiser tocar na esfera do humano propriamente dito. Por isso, a filosofia terá que abdicar de ser uma ciência exata.

A filosofia tem sua própria continuidade e universalidade. Terá que se reencontrar a si mesma fazendo um ato de fé na sua capacidade de formular julgamentos fundamentais e responsáveis. Pois a crise da filosofia, sua falta de apoio, é a crise do próprio pensamento .

Quem e como fazer a transição do raciocínio matemático, do cálculo, para o julgamento moral? O cálculo serve para coisas que não são livres. Suas leis não se aplicam à liberdade. --- Mas quem garantirá que a liberdade não seja uma ilusão? -----Talvez a humanidade possa ser

guiada por um processo tecnológico que a conduza à felicidade. ---- Mas quem estabelecerá qual há de ser a felicidade para cada homem? --- Quem estabelecerá o “goal” para o qual deverá ser dirigida a humanidade pré-determinada?

Se, ao contrário, o ser humano for destinado à liberdade, ele não poderá ser regido por leis dadas pelo cálculo, pelo raciocínio matemático, pelo raciocínio científico. A estatística e o planejamento não proverão as regras de moralidade que poderão guiar o homem para o seu futuro.

No livro Sobre a Consciência, Ratzinger irá afirmar que a voz da consciência é a voz de Deus em nós.

A consciência é o que nos atesta a verdade da nossa liberdade. Sabemos que somos livres para seguir ou não uma lei, sabemos, intimamente, o que é certo e o que é errado, sabemos que devemos fazer o bem e evitar o mal. Esta é a regra básica do conhecimento moral. Nisso Ratzin-

ger segue nitidamente o raciocínio kantiano como fundamento da ética.

Não obstante, Ratzinger relata que ficou chocado quando ouviu um colega católico afirmar que os não crentes tinham sorte pois não poderiam ser culpados por pensarem e agirem erradamente.

Ora, isto queria dizer que a fé e a boa formação moral haveriam de ser um fardo que se carregava e que nos tolhe a liberdade. Quando ocorre exatamente o contrário. A consciência moral é o que atesta a nossa liberdade, é o que permite que sejamos livres. Se não tivéssemos consciência moral, haveríamos de ser como qualquer outro ser da natureza, inteiramente determinados.

Por isso, para Ratzinger, para o "colaborador da verdade" como diz no lema que adotou como seu, a verdade e a liberdade se implicam mutuamente.

A consciência tem que ser apoiada em uma "reta razão" a qual tem necessidade de ser bem

formada. Do contrario, torna-se uma consciência errônea.

A reta razão é formada em primeiro lugar pela voz de Deus em nós, o que impede que seja considerada como algo puramente subjetivo. A consideração da consciência como algo puramente subjetivo leva ao relativismo moral. Mas pelo contrário, a consciência não é algo subjetivo, mas tem sua objetividade na voz de Deus em nós, na moral consagrada pela comunidade e pela tradição.

Do ponto de vista do cristão, o ser humano tem responsabilidades para além do campo puramente teórico. E a responsabilidade reporta-se diretamente para o campo da moral.

Na história da humanidade, o discurso sobre a moral está inexoravelmente ligado ao discurso sobre Deus. Moralidade significa em último caso, a concordância da vontade livre do homem com a vontade de Deus.

Mas a pergunta é, como saber qual é a vontade de Deus, como que Ele a comunica para nós?

Sto. Tomás de Aquino considerava que havia dois aspectos na consciência: o que ele chamava de *sinderesis* e a consciência que julga propriamente dita. Ratzinger prefere o termo *anamnesis* em vez de *sinderesis* porque *anamnesis* é o termo que Platão usava para designar a lembrança, a recordação de algo que desde sempre estava escrito na nossa consciência. Assim, os princípios morais básicos estariam escritos desde sempre na consciência moral dos homens.

A moralidade não é um código de normas de comportamento abstrato mas antes pressupõe a vida numa comunidade na qual as leis morais vão se clarificando e fixando ao longo do tempo. Não são, portanto, algo arbitrário nem subjetivo. Qualquer moral necessita de um “nós” com suas experiências pré-rationais e suprarracionais. Nella converge a análise não só do momento presente mas a sabedoria das gerações passadas.

Uma crise na moralidade ocorre na comunidade quando novas áreas do conhecimento emergem e os padrões de comportamento correntes não conseguem abrangê-los.

Como então poderá uma comunidade encontrar uma nova forma de vida que mais uma vez torne possível uma moral comum?

A longo prazo, é impossível uma comunidade sobreviver apenas com normas que representam apenas uma reação contra o mal. Se uma sociedade pretende sobreviver, precisa voltar às virtudes primitivas, básicas, padrões para toda a humanidade. É evidente que algumas comunidades podem se corromper, como numa sociedade que pratica o canibalismo, a escravatura, a dependência de drogas.

Entretanto, observa-se que, na história da humanidade, a moralidade nunca foi baseada exclusivamente na experiência e no costume. Seu caráter de incondicionalidade não poderia se realizar ou compreender a não ser quando referido ao

caráter incondicional da vontade de Deus. Por isso também, podemos afirmar que a fé cristã está de acordo, em inúmeros pontos, com as tradições fundamentais da humanidade. Similarmente, a fé cristã está convencida de que somente Deus pode ser a medida do homem e somente Deus pode obrigar o homem incondicionalmente.

Além da voz da consciência, Deus também se revela para nós, através dos textos sagrados, inspirados por Ele.

Hoje, no Ocidente, os jovens protestam contra um mundo científico, tecnológico, e filosoficamente neutro. No Oriente, protestam contra uma filosofia de partido. Os dois lados atestam o fracasso último de suas filosofias.

Os próprios cristãos estão perdidos em meio a dificuldades criadas pela evolução dos conhecimentos científicos e o confronto destes com a Revelação.

Há inúmeros pontos em que os cristãos encontram dificuldades. Por exemplo:

- a) questão da criação versus evolução;
- b) a questão da Queda versus o conhecimento de que o homem evolui de baixo para cima;
- c) a questão do Pecado Original;
- d) a questão de que Adão, teria sido o primeiro homem, sendo que, pela Bíblia, a história do homem teria 4000 anos e hoje se sabe que tem centenas de milhares de anos;
- e) as próprias histórias da Bíblia contadas com a linguagem e o imaginário da época em que foi escrita.

Torna-se necessário, entretanto, interpretar o simbolismo dos relatos bíblicos. Acima de tudo, é importante nunca perder de vista o que Pascal trazia costurado no bolso do seu paletó: “O Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó, não o dos filósofos”. Isto é, um Deus antropomórfico, que fala diretamente com o homem.

Outra grande dificuldade representa para a mente moderna a proposta do Novo Testamento

de que toda a história da humanidade dependa de um homem apenas: Jesus de Nazareth.

Não estaria a filosofia indiana mais próxima da verdade, quando propõe inúmeros Avatares de Deus, os quais seriam outras tantas *epifanias*, reflexos da eternidade, do divino, no tempo?

Há quem tenha dificuldade em aceitar a virgindade de Maria. Mais difícil, parece ser acreditar que um Deus encarnou no seio de uma mulher e se fez homem. Mas se Deus fez isso por nós, porque Cristo não se revelou a todos os homens?

Qual há de ser o papel da Igreja? E em qual igreja acreditar, já que são tantas?

Na doutrina católica, como acreditar na *transubstanciação* do pão, quando o próprio conceito de substância está ultrapassado pela ciência?

Em última análise, porque tem que haver explicações tão complicadas?

E porque tem que haver uma plethora de definições exigindo a adesão dos crentes?

Hoje se encontra uma quantidade de livros que conquistam um enorme público e que transmitam uma mensagem simplificada de fé. As pessoas anseiam por encontrar alguma mensagem simples pelas quais elas possam “se libertar”.

As pessoas estão insatisfeitas com a linguagem dos teólogos assim como também estão insatisfeitas com a linguagem dos economistas.

No minuto em que o pensamento moderno se torna autossuficiente, aparece sua insatisfação. E simultaneamente o relativismo.

A falta de apoio é a própria crise do pensamento. Nesse clima, a fé só emergirá como uma franca comunicação com uma nova filosofia do mundo e do homem.

A fé não deve fazer coro com o pensamento positivista. Ela não pode mais se apoiar em uma série de certezas filosóficas. Isto significa que a fé precisa se ajustar a um pluralismo intelectual e filosófico irreversível. A fé tem que se apresentar como a oferta de um sentido, mesmo que não se

possa apoiar em uma base filosófica aceitável por todos. A fé será resultado de uma decisão por uma estrutura significativa, ainda que esta não possa ser provada.

A situação do homem de fé hoje é mais árdua do que jamais foi. Qualquer um que tenha herdado algo além de um conjunto de hábitos religiosos, sempre soube que mais lhe seria pedido. Mas só assim a aventura da vida valerá a pena de ser vivida.

3) O que posso esperar?

Como então se poderá reencontrar a fé?

A fé não é um “creio nisso ou naquilo”. A fé é um ato de confiança, é um “creio em ti”. É um ato de confiança no outro. É uma postura existencial. A fé em Deus é um ato de confiança em Deus. A fé em Deus não é um sistema de conhecimento mas um ato de confiança.

Por outro lado, é importante que a Igreja continue a se aprofundar na compreensão dos detalhes. Isso torna mais rica a compreensão da fé.

Todas as épocas tem seu ponto cego. Este exige sempre renovados estudos. Quanto mais se caminha na fé, mais novos horizontes se entream. Mas o essencial é o ato de confiança.

Este ato de confiança não pode ser representado abstratamente. A fé não pode ser definida. Só pode ser mostrada por homens e mulheres concretos. É um tipo de paixão, de amor que move a pessoa.

A fé de Abraão o fez desalojar-se de onde estava com todos os seus parentes e suas posses em busca de um futuro, baseado numa promessa.

A fé introduz uma responsabilidade com relação ao futuro. O paradoxo da vida humana é que ela está totalmente orientada para o futuro e esse futuro lhe é roubado pela morte. Simone de Beauvoir (escritora e filósofa existencialista, mulher de Sartre, filósofo e teatrólogo também existencialista), relata que quando ela era moça viu o seu futuro se abrir para ela com mil promessas. Todas as promessas se cumpriram, ela foi amada,

ficou famosa, vendeu montanhas de livros e ganhou muito dinheiro. E no entanto, no fim da vida, ela percebeu que a vida a havia logrado, ela de sentiu lograda.

A fé em Jesus Cristo, ao contrario da descrença de Simone de Beauvoir, é a fé em Deus que nos abre um futuro e simultaneamente nos cobra adequarmo-nos a este futuro, a vivermos pela medida da eternidade, a trabalhar aqui na terra por um futuro melhor.

É estarmos na terra com a postura de um peregrino, aquele que não está permanentemente em lugar algum.

A doutrina paulina sobre a Ressurreição de Cristo deu ensejo à sua doutrina da necessidade da justificação. Foi por causa da doutrina paulina da justificação que surgiram as diferentes interpretações que motivaram o esfacelamento da Cristandade. A consideração da necessidade de justificação é apavorante se não for acompanhada

pela promessa do perdão divino, pela confiança no Amor que nos há de proteger do mal.

Então o que é a fé à luz da Bíblia? Não é, absolutamente, um sistema de conhecimento mas sim uma decisão existencial de viver a vida em termos do futuro, do futuro que Deus nos concede além da morte.

Há culturas voltadas para o passado e há culturas voltadas para o futuro. O que é então o presente? A análise de Sto. Agostinha nos diz que o presente, o tempo, não existe, pois no momento em que se pensa o presente ele já passou e o futuro ainda não é. Portanto o presente não existe. Tampouco o tempo.

Essa ideia coincide com a percepção que hoje temos de que estamos sendo atropelados pela mudança constante. Hoje, ir à lua é mais fácil do que voltar-se para o interior de si próprio. A tecnologia cria novas oportunidades para o homem. Nenhum cristão deve deplorá-la. Quem viveu antes do advento das facilidades tecnológicas não

tem motivos para romantizar a “volta à natureza” , pois sabe como a vida antes dos inventos tecnológicos era dura. Mas a tecnologia oferece também inúmeras oportunidades para aquele que é o Anti-humano. A bomba atômica, as drogas, o terrorismo, são algumas de suas obras.

Não olhamos mais o futuro como olhavam os primeiros cristãos, como a iminente realização do Reino de Deus. A própria teologia está sendo invadida pela atitude de quem quer criar a Cidade do Homem. A Cidade do Homem representa a realização de todos os desejos do homem na terra. Mas a Cidade do Homem só se realiza pela inserção de Deus nela.

O Concílio Vaticano II considerou a tecnologia como a realização da proposta feita por Deus ao homem de dominar a terra. Mas não se trata de ser ingênuo com relação à tecnologia. O homem é quem tem que ser a medida de sua própria humanidade. A imagem do homem deve ser plasmada conforme o modelo apresentado por Je-

sus Cristo. E foi Ele quem nos disse: — “Sede perfeitos, como o meu Pai é perfeito”.

Em 2004, num encontro realizado com o renomado filósofo kantiano, Jürgen Habermas, de convicções liberais e ateias, Ratzinger aceitou o debate com seu contemporâneo e conterrâneo sobre o tema: “Quais seriam os pressupostos morais democráticos de uma ordem social mundial justa e universalmente aceita?”

O diálogo entre os dois resultou no livro cujo título em inglês é The Dialectics of Secularization, On Reason and Religion.

Neste curioso debate, partindo de pontos de vista opostos, um ateu e outro religioso, chegaram a pontos de concordância em que ambos reconheceram a necessidade de abertura ao diálogo com as culturas diferentes do mundo, a necessidade do respeito aos valores de outras culturas e a predisposição de aprender com elas. Sobretudo, ambos reconheceram a necessidade da aceitação de pres-

supostos religiosos para a fundamentação de uma moral universal.

A ampliação do reconhecimento dos Direitos do Homem, o reconhecimento de que tais Direitos implicam em obrigações e deveres, poderão então servir de base a esta moral, assim como o reconhecimento, em última análise, de tudo que está posto no Decálogo, os Dez Mandamentos dados por Deus a Moisés.

Ratzinger considera que a Igreja perdeu muito e ainda pode perder muito mais. A igreja Católica, na opinião dele vai se tornar mais pobre, menor, com menos edifícios grandiosos e perderá muitos de seus privilégios.

Será vista apenas como uma sociedade de adesão voluntária a que se pertence por livre escolha. Provavelmente encontrará novos ministérios e ordenará cristãos que tem alguma outra profissão. Mas será uma Igreja mais espiritual, sem mandato político algum, não será identificada nem com Direita nem Esquerda.

Os homens vivendo em uma sociedade inteiramente planejada serão muito solitários. Então eles descobrirão os pequenos grupos de pessoas que lhes oferecerão algo diferente, novo. Parece-me a ele, Ratzinger, que a Igreja está enfrentando dias difíceis e que a crise apenas começou. Mas a Igreja da fé oferecerá aos homens solitários e desiludidos um lar onde encontrarão uma nova esperança.

ANÁLISE DO PENSAMENTO TEOLÓGICO

EM A OBRA

JESUS DE NAZARÉ

(publicada em 3 volumes)

O pensamento teológico de Joseph Ratzinger, Papa Bento XVI, está totalmente fundado em um ato de fé em Deus. Não se apoia em uma metafísica ou filosofia. Pelo contrário, ele considera que a razão precisa fazer um ato de fé em si mesma para poder erigir as bases da filosofia.

Tal como Santo Agostinho, parte da fé em Deus , Logos Criador, para compreender a criação. (Santo Agostinha afirmava: — “Compreendo porque creio e não creio porque compreendo”).

Tal é também a atitude de Ratzinger com relação à abordagem da figura de Jesus Cristo. Cita os que buscam interpretar Jesus à luz exclusivamente dos métodos historiográficos e chega à conclusão, juntamente com um dos mais renomados e atuais exegetas católicos da historiografia de Jesus, Rudolf Schnackenburg, de que uma compreensão confiável da figura histórica de Jesus de Nazaré por métodos científicos histórico-críticos só pode ter resultados insatisfatórios e inadequados, que dão margem à polêmicas infundáveis.

Até onde alcança a pesquisa historiográfica, pergunta? Schnackenburg coloca em relevo a percepção, que surge da própria pesquisa histórica, da existência de uma relação íntima de Jesus com Deus. “Sem ancorá-la em Deus, a figura de Jesus

permanece obscura, irreal e incompreensível” (p. XIV, 1º Vol.).

O método histórico é necessário para os cristãos na medida em que Jesus aconteceu na história. Mas tem falhas porque examina o passado enquanto passado. Não pode dar conta da figura de Jesus Cristo a não ser como alguém do passado, preso ao tempo histórico. Por outro lado, Ratzinger discorda de Schnackenburg quando este diz que os Evangelhos procuram “vestir” a figura de Cristo com pele e osso. Ratzinger afirma que ninguém precisa “vestir” Cristo com pele e osso porque ele de fato encarnou num corpo humano.

A questão é distinguir, em meio de todas as tradições que se seguiram depois da morte de Jesus, quem era essa figura de carne e osso?

O método de pesquisa histórico-crítico vem sendo usado pela teologia católica desde em 1943 quando a porta lhe foi aberta pela promulgação da Encíclica *Divino Afflante Spiritu*. Desde então,

o debate sobre método tem evoluído bastante, não somente dentro da Igreja mas fora dela. A Constituição Dogmática do Concílio Vaticano II, *Dei Verbum*, sobre a Revelação Divina, foi um significativo passo adiante. Além disso, dois documentos da Pontifícia Comissão Bíblica contribuíram importantes percepções novas que alimentaram os debates dos exegetas. Foram os documentos: *A interpretação da Bíblia na Igreja* (Cidade do Vaticano, 1993) e *O Povo Judaico e suas Sagradas Escrituras na Bíblia Cristã* (Cidade do Vaticano, 2001).

Ratzinger segue de perto todo o movimento e evolução do pensamento histórico-crítico e teológico. Sua obra se beneficia de todo esse imenso cabedal de informação. Ele apresenta tudo isso de maneira sucinta, debate os pontos de interesse maior, aponta aonde concorda e onde discorda e apresenta sua própria interpretação. Mas considera indispensável, a quem quer que se proponha

conhecer Jesus Cristo, a tomada de conhecimento das principais questões.

Assim, a sua obra é toda ela eivada de temas que são levantados pelos estudiosos, apresentados de forma interessante e de fácil compreensão para o leigo. Neste caso encontra-se, por exemplo, a discussão da questão joanina (a questão sobre a verdadeira autoria do quarto evangelho, o Evangelho de São João) que Ratzinger expõe de forma interessantíssima e mostrando em vários momentos uma fina ironia, como aliás, ele o faz de forma muito sutil ao longo de seus muitos escritos.

Além disso, os estudiosos americanos da Bíblia apresentaram nos tempos mais recentes uma nova forma de estudar, a qual tem contribuído enormemente para a compreensão. Trata-se do que se chama de Método Canônico. Significa estudar a Bíblia como um todo, interpretando o conjunto dos escritos como uma totalidade. Assim o estudo vai aos poucos demonstrando como um texto esclarece outro, como do estudo de cada par-

te, emerge o sentido do todo como conjunto. E este todo leva diretamente para Jesus de Nazaré, ao mesmo tempo em que tudo o que Ele diz e faz revela uma deliberada referência ao que está no Antigo Testamento, de forma a apontar a coerência interna de toda a Revelação.

Este é o propósito da obra Jesus de Nazareth de Joseph Ratzinger, mostrar Jesus tal como a exegese o vai desvelando cada vez mais, ao longo de toda a história. O importante é notar o que Ratzinger faz questão de frisar ao longo de toda a obra, isto é, que ele acredita nos Evangelhos. Esse é o ponto fundamental. Os Evangelhos são, para ele, absolutamente dignos de credibilidade.

Jesus é o novo Moisés. Ele fala com Deus face a face. Curioso é que, de acordo com a Bíblia, Deus não mostrou sua face a Moisés. A Moisés Deus só aparece de costas. Jesus, ao contrário, O conhece intimamente, está em permanente comunicação com o Pai. Afirma que quem o conhece, conhece o Pai, ele e o Pai são um só. Em todos

os Evangelhos, mas principalmente no Evangelho de São Lucas, são inúmeras as referências ao fato de que Jesus reza o tempo todo, isto é, está em permanente comunicação com o Pai.

Assim, se quisermos entender a figura de Jesus Cristo, é preciso prestar atenção e ouvir o que Ele tem a dizer, o que disse, o que fez, o que sofreu e sua glória. É preciso se dar conta de que nada disso faz sentido sem a aceitação do fato de que Ele fala diretamente com Deus como se fala a um amigo, como um Filho.

Daí que buscar conhecer Jesus como homem é infrutífero e insatisfatório. Porque Ele não é apenas homem, Ele é Deus. É o Filho. Ele é a Palavra.

Entretanto, os Evangelistas apresentam referências bem precisas para situar o momento da história em que os acontecimentos da vida de Jesus ocorreram.

Havia, na época uma expectativa latente de um novo profeta. O povo estava desalentado. Po-

de-se imaginar o impacto que João Batista causou no meio ambiente que estava fervilhando de revolta e expectativa de um novo profeta.

Havia surgido nessa época a comunidade do Qúnram, descoberta por acaso durante a II Guerra Mundial. Era uma comunidade que provavelmente ficava próxima de onde a família de Jesus residia. O rito do batismo, a imersão na água, era prática dessa comunidade. O Batismo de João Batista tem, entretanto, características diversas daquelas do Q'umram. Na Bíblia não há previsão do rito do batismo. A Torah não fala de batismo

No Batismo de João havia a confissão dos pecados, o arrependimento e a imersão na água, cujo simbolismo era tanto da morte como de purificação e de renascimento para uma nova vida.

Jesus, ao se apresentar para ser batizado, identifica-se com todos os pecadores, assume a carga do pecado, submete-se a descer aos infernos, descida simbolizada pela imersão. Por isso João Batista fica chocado ao vê-lo. Por isso diz: —

“Eu é que deveria te pedir o batismo e Tu vens a mim?” Ao que Jesus responde: — “Por ora, façamos tudo em conformidade com a lei”. É como se dissesse: — “É a vontade do Pai”. O batismo é uma prefiguração da Cruz e da Ressurreição.

Assim, toda a vida de Jesus é um ato de adesão à vontade do Pai. Ele está sempre em sintonia com esta vontade. Daí que se retira para rezar o tempo todo. Ele se encarnou para fazer a vontade do Pai, vontade que era a de Deus se revelar aos homens. Deus se dá a conhecer por intermédio do homem Jesus que é o homem Deus. Os homens só chegam a Deus através de outros homens. Jesus é o Mediador, o homem Deus que nos revela Deus.

Ao falar das tentações de Cristo, Ratzinger enfatiza a afirmação de que nem só de pão vive o homem, lembrando que hoje em dia nós nos distanciamos dos que precisam, oferecendo-lhes apenas ajuda material. Lembra que o Ocidente, ao ajudar outros povos com ajuda material e tecnológica, muitas vezes rouba-lhes Deus.

Por outro lado, há inúmeras tentativas de reinterpretar Jesus de inúmeras maneiras, interpretações que no mais das vezes distorcem e/ou diluem a sua personalidade. Há sempre o risco de se querer instrumentalizar Jesus ou Deus de acordo com os desejos ou com as ideologias de cada um.

Tampouco Jesus está sujeito a ser interpretado à luz da psicologia. Sendo Deus, não se consegue entrar na intimidade de seus pensamentos.

Sabemos Dele o que Ele nos revela. A Sua Verdade ele vai revelando aos poucos nas falas, parábolas, respostas enigmáticas. Estas falas e respostas a perguntas são deliberadamente enigmáticas, sendo que seu conteúdo tem o potencial de ter significado desdobrado ao longo do tempo, ao longo da história. (Tal como as palavras dos poetas, cujo sentido alcançam para muito além do sentido aparente imediato). Tais palavras permitem uma compreensão que se vai ampliando e

permitindo cada vez maior penetração, sem jamais se esgotarem.

A revelação de Jesus aos seus discípulos, principalmente aos doze, vai sendo feita lentamente. Ele os vai ensinando, preparando, formando, para que aos poucos eles possam apreender o significado de sua presença, de sua missão. No princípio eles não têm condições de entender o que ele quer revelar: O Reino de Deus está próximo. O Reino de Deus está aqui presente. Jesus é Deus, Ele é o Reino de Deus presente entre nós.

No entanto, Ele fala o tempo todo em linguagem bíblica, tudo o que diz é tirado dos livros sagrados, tudo o que faz é inspirado no que está escrito. Ele vai realizando tudo o que estava previsto mas ao mesmo tempo vai ampliando o sentido, vai universalizando e ampliando a extensão do que já estava contido nas escrituras. Jesus faz questão de mostrar que o que Ele tem a dizer deve ser compreendido à luz do que está dito nos livros Sagrados.

Assim é o conteúdo do Sermão da Montanha. Trata-se de uma explicação de significado, uma ampliação da abrangência dos Dez Mandamentos.

A Oração do Pai Nosso trata do ensinamento de vivermos de acordo com a Vontade do Pai. É o ato de reconhecer a nossa inteira dependência do Pai, até para lhe fazer a vontade. A diferença entre a oração do fariseu e a do publicano é que o primeiro se apresenta como autossuficiente para agir bem, isto é, ele age corretamente por seus próprios méritos e o segundo, o publicano, reconhece a si mesmo como totalmente dependente do Pai.

Ratzinger nos mostra também que o Evangelho de São João contém um ritmo litúrgico. Os principais acontecimentos da vida de Jesus ocorrem simultaneamente com as grandes festas litúrgicas de Israel. Por isso Ratzinger afirma que devemos ter muito respeito pela obediência dos judeus à Torah, pois que Jesus deu mostras, ao

longo de sua vida, de que respeitava todos os seus preceitos.

Ratzinger fala do livro do estudioso judeu Jacob Neusner, *Um Rabino Conversa com Jesus*. O autor mostra muita admiração pela pureza e grandeza de Jesus, refere-se ao quanto Jesus foi sempre fiel aos preceitos judaicos. Neusner diz, por meio de um personagem do livro, que no final das contas, o que é acrescentado por Jesus ao que é ensinado na Bíblia, é Ele mesmo, o próprio Jesus. É a Ele mesmo que Ele acrescenta, traz de novo. E isso Neusner não consegue aceitar.

Pois, de fato, conclui Ratzinger, se não se aceitar que Jesus é Deus, não há como aceitar suas afirmações com relação a si próprio: “Eu, porém, vos digo... Vem e segue-me... Quem vem a mim...”.

Pois Jesus ensina com a autoridade de quem dá a lei, quem ordena. Ele completa a Torah. E isso só pode ser feito por Deus. Ele fala com a autoridade de Deus que deu a lei a Moisés. A

quem os judeus chamam de Senhor. Jesus é o Senhor.

A novidade de Jesus é essa. E isso é tão sério que por isso Ele foi flagelado e crucificado. Não é uma interpretação posterior, feita pela Igreja. É a própria interpretação que foi dada pelos judeus, seus contemporâneos. Do contrário, se não fora essa tremenda ameaça percebida como tal pelos judeus, ele não teria sido morto.

Por isso, Jesus só se dá plenamente a conhecer aos seus discípulos prediletos no momento da Transfiguração, quando eles reconhecem Sua divindade. Mesmo assim, eles ainda não entendem totalmente. Só irão entender o que realmente significou tudo o que Jesus é, com a vinda do Espírito Santo. Só depois da Morte e Ressurreição é que os discípulos irão entender o significado da Cruz.

No entanto, ao longo do caminho para a última ida a Jerusalém para a Páscoa, Ele já vai anunciando tudo o que vai acontecer ainda que os

discípulos não entendam ou não queiram alcançar o sentido de tudo o que Ele está dizendo.

Quando vai entrar em Jerusalém, Jesus pede para buscarem um jumento, e os apóstolos o sentam sobre o jumento, que é o símbolo da realeza de David. David também veio sobre o lombo de um jumento e todo Israel reconhece este símbolo, tanto que o saúdam como Rei dos Judeus e gritam Hosannah que é uma palavra cujo significado original de súplica evoluiu para significar louvor.

A cena do chicote no Templo, Jesus a explica aos apóstolos dizendo: “Não está escrito que ‘minha casa é uma casa de oração’? E, no entanto, vocês a transformaram num covil de ladrões”.

“O zelo pela tua casa me consome”, diz o Salmo 69,1,7,0.

Faz do zelo pela violência o zelo por amor até a morte. A Cruz é o fruto do zelo do amor de Jesus, do amor de Deus.

Mas a lição do zelo é que não se pode servir a dois senhores, a Deus e ao dinheiro.

A destruição do Templo em 70 d.C. fez com que só restasse, das várias interpretações da Bíblia que havia ao tempo de Jesus, zelotes, saduceus, fariseus, apenas a interpretação dos fariseus. O que nós chamamos hoje de judaísmo.

Depois de séculos de antagonismo, devemos nos esforçar para trazer estas duas interpretações dos textos sagrados, a dos judeus e a de Jesus, para um diálogo, “se é que entendemos a vontade de Deus”. Hoje vemos com horror os grandes mal-entendidos que pesaram através da história sobre esta relação.

No entanto, sabemos que a salvação de Israel, como um todo, virá no devido tempo, como lhe foi prometido por Deus. Aos apóstolos cumpriu, portanto, primeiro trazer a palavra de Deus aos gentios.

Ao contrário de Adão que quis ser igual a Deus, Jesus fez o caminho contrário, quis ser igual aos homens. Quis ser o mais humilde dos homens. O lava-pés simbolizou exatamente isso.

O lava-pés também evoca o sentido da purificação. É preciso ser puro, limpo, para ver Deus. Jesus é quem nos purifica. Quando Ele disse, eu lhes dei o exemplo, em seguida anunciou: — “Aquele que crê em mim fará as obras que eu faço; e até melhores porque eu vou ao Pai.” E em seguida dá o mandamento: — “Amai como eu vos amei”.

A novidade é o chamado à obra suprema, um novo fundamento do nosso ser. Não se trata de uma nova moral ou de um apelo à moralidade. A pureza do coração torna-se o foco do mandamento. É mais bem expresso na oração “não sou mais eu quem vive, mas Jesus quem vive em mim!”.

Sobre Judas, Ratzinger diz que João não dá qualquer explicação, apenas diz que Judas já havia se apropriado do conteúdo da bolsa do grupo, posto que era ele quem a guardava. João sugere que Judas já está sob o domínio de outro senhor. Depois de comer o pão, Judas saiu. E era noite. Quer dizer, a escuridão, os poderes do mal o en-

volvem. A segunda e maior tragédia depois da traição, é Judas não ter acreditado na possibilidade do perdão, ele que havia convivido com Jesus.

O mal da culpa não confessada corrói a alma.

O martírio, diz Ratzinger, não é um ato de heroísmo, mas antes uma graça recebida: poder sofrer por Cristo.

A ideia da vida eterna tem antecedentes históricos. Em Platão encontra-se que a forma de um mortal tornar-se imortal é unindo-se ao imortal.

Jesus diz: — Aquele que crê em mim viverá eternamente. Ele nunca morrerá porque eu vivo. Por isso vocês nunca morrerão.

E na oração de Jesus ao Pai que João reporta que Jesus fez na última ceia, Ele diz: — “Eu revelei a eles o teu nome e continuarei a fazê-lo para que o teu amor por mim esteja neles e eu neles”.

O significado da Cruz é fulcral a toda a história de Jesus.

Porque Ele é o Filho, vê com clareza total a podridão de todo o mal que é cometido no mundo, as crueldades, o orgulho, as mentiras, a corrupção que destrói e rebaixa tudo o que foi criado. Jesus experimenta todo o horror, toda a sujeira, a miséria. Daí o horror do “cálice” que Ele tem que tomar até a última gota. Seu medo é muito maior do que o próprio medo da morte, pois o momento da agonia é o momento crucial da colisão entre o bem e mal. Duas vontades estão em conflito, o desejo humano de fugir de tudo aquilo e a vontade filial de fazer a vontade do Pai, de glorificá-lo.

A verdade (Sto. Tomás) existe supremamente em Deus. Em nós somente secundariamente. Jesus vem dar testemunho da Verdade, isto é, testemunho de Deus que é a verdade.

A Ressurreição não é um fato histórico, ela transcende a história passando a um outro nível de existência. Daí que os apóstolos afiançam que

depois da Ressurreição Jesus estava irreconhecível. A Ressurreição nos ensina algo que tem validade para o homem: Deus se fez homem, Ele permanece homem. O fruto da morte de Jesus é que nós fomos admitidos no próprio Ser de Deus. Nós estamos em Deus. Deus é o absolutamente outro e ao mesmo tempo, não é mais o “outro”.

Quando nós dizemos Pai com Jesus, nós o dizemos no próprio Deus.

Pois a Ressurreição é algo tão radical quanto um salto na evolução da espécie, no qual uma nova dimensão da vida emerge, uma nova dimensão da existência humana.

“Se o homem, por sua natureza, é criado para a imortalidade, é somente agora que existe um “espaço” no qual sua alma imortal pode se encontrar na “corporeidade”, na qual a imortalidade terá sentido como comunhão com Deus e com toda a espécie humana reconciliada”.

Foi isso que S. Paulo quis dizer em suas cartas da prisão, quando se referiu ao corpo cósmico de Cristo.

A Ressurreição não foi apenas um indivíduo morto que voltou à vida, mas foi um salto ontológico que nos toca a todos nós, pois nos abre uma nova dimensão, nos abre um novo espaço de vida, um espaço de união com Deus.

No último livro publicado da trilogia *Jesus de Nazareth, os Relatos da Infância*, lançado no final de 2012, Ratzinger volta para o início da história de Jesus para fazer a exegese teológica dos textos de Lucas e Mateus. Nos livros anteriores ele se reporta principalmente a João. Mas no último, a fonte primordial é Lucas que, tudo leva a crer, teve como fonte primordial a própria Maria, Mãe de Jesus, pois muitos dos relatos só poderiam ter como fonte originária aquela que guardava tudo o que acontecera em seu coração, meditando acerca do seu sentido último.

Sendo grego, Lucas não estaria muito preocupado com a continuidade e realização dos textos bíblicos nos próprios eventos da vida de Cristo. Lucas relata os episódios da infância com minúcias que revelam o contato direto com as pessoas que os presenciaram. Mas Lucas, como discípulo que foi de Paulo, dirige-se principalmente aos gentios.

Já Mateus, sendo judeu, está permanentemente preocupado em mostrar para os judeus que Jesus realizou em sua vida as profecias que haviam sido feitas ao longo de toda a história do povo eleito, profecias da vinda do Messias.

Ratzinger mostra como Mateus escreve sempre com vistas a mostrar a correspondência dos textos sagrados do Antigo Testamento e os acontecimentos da vida de Jesus Cristo. Ratzinger mostra que Mateus até por vezes modifica algo naqueles textos mas ainda assim o que ressalta é que de fato há esta correspondência.

De tudo o que se lê, fica evidente que Ratzinger pondera todas as interpretações possíveis acerca dos acontecimentos e seu relato, considera e cita as opiniões dos não-crentes, dos judeus ortodoxos, apresenta seus próprios argumentos e no final conclui por afirmar que considera a posição mais sensata como sendo aquela que aceita os relatos dos apóstolos como historicamente fidedignos.

Mas isso não sem antes conferir cada uma das referências feitas aos textos sagrados, revelando seu total domínio da exegese desses textos, feita não somente por cristãos, católicos e protestantes, mas também por judeus.

O que impressiona é verificar o quanto os textos do Antigo Testamento eram familiares a homens de fé como José, como Zacarias, como João Batista, como o próprio Jesus e ainda como Paulo e Mateus. Aparentemente, todos os textos bíblicos faziam parte da cultura corriqueira do homem razoavelmente educado da época.

E, no entanto, não há, no Novo Testamento, qualquer referência a possibilidade de Jesus ter estudado em uma escola rabínica onde os textos eram examinados à fundo. Daí a grande surpresa dos doutores da lei e dos rabinos quando o menino Jesus, aos doze anos, foi encontrado entre estes, discutindo, fazendo perguntas e ponderando as respostas, revelando um conhecimento espantoso e precoce acerca dos textos sagrados.

Só se pode imaginar que José fosse um estudioso da Bíblia assim como Maria. E que tal ambiente também fazia parte do cotidiano de Mateus.

Como quer que seja, o texto de Ratzinger alcança o objetivo que é o de incentivar a busca de maior conhecimento do próprio Cristo.

BIBLIOGRAFIA:

RATZINGER, Joseph. What It Means to be a Christian, (Three Sermons). Libreria Editrice Vaticana. English Translation by Henry Taylor.

San Francisco: Ignatius Press, 2006 (1965, new edition 2005).

_____. **Introduction to Christianity.** Translation to English Edition, by J. R. Foster. Revision to the English Edition and Preface by Michael J. Miller. San Francisco: Ignatius Press, 1990 and 2004.

POPE BENEDICT XVI. **On Conscience.** San Francisco: National Catholic Bioethics Center and by Ignatius Press, 2006.

_____. **The Dialectics of Secularization, On Reason and Religion.** English Translation by Brian McNeil. San Francisco: Ignatius Press, 2006.

_____. **The God of Jesus Christ, Meditations on the Triune God.** New Edition, 2006, English Translation by Brian McNeil. San Francisco: Ignatius Press, 2008.

_____. **Europe Today and Tomorrow.** English Translation by Michael J. Miller. San Francisco: Ignatius Press, 2007.

_____. **Faith and the Future.** First English Translation. San Francisco: Franciscan Herald Press, 1971, Second English Edition. San Francisco: Ignatius Press, 2009.

_____. **Jesus of Nazareth, From the Baptism in the Jordan to the Transfiguration.** English translation by Adrian J. Walker. San Francisco: Ignatius Press, 2008.

_____. **Jesus of Nazareth, Holy Week: From the Entrance into Jerusalém to the Resurrection.** English Translation provided by the Vatican Secretariat of State. San Francisco: Ignatius Press, 2011.

_____. **The Infancy Narratives: Jesus of Nazareth.** Translated by Philip J. Whitmore, San Francisco, Ignatius Press, 2012.

_____. **Light of the World: The Pope, the Church and the Signs of the Times, A Conversation with Peter Seewald.** Chapters 1-7 translated by Michael J. Miller. Chapters 8-18

[O Pensamento de Joseph Ratzinger]

translated by Brian Mc Neil. San Francisco: Ignatius Press, 2010.

A Atualidade de Santo Tomás de Aquino

Prof. Carlos Frederico Calvet da Silveira
Universidade Católica de Petrópolis
Presidente do Centro Dom Vital

A atualidade de um autor, que, neste caso, também é santo e doutor da Igreja, pode ser apresentada sob múltiplas abordagens. Pode-se pensar que sentido teria a vida de Tomás para o cristão de hoje. Esta abordagem tem sua atualidade indiscutível, pois, mais do que nunca, a pobreza evangélica, fundamental para os dias de hoje, foi assumida pelo santo até extremo de sua vida intelectual. Esta perspectiva, contudo, só poderia ter pleno sentido se fosse vista igualmente de modo problemático para a história da filosofia e da fé cristãs no Ocidente. Trata-se de confrontar esta pobreza intelectual, por vezes assumida como extrema intelectualização da fé, e o

paradoxo da incompreensibilidade de Deus e de seus mistérios.

Por outro lado, o estudo da vida de nosso autor percorrendo sua produção bibliográfica seria igualmente atual e cabível, se considerarmos sua vida como uma obra de seu magistério. Efetivamente, a produção bibliográfica de Santo Tomás forma um conjunto que foi classificado em cinco grandes grupos, consoante natureza das obras: a) comentários à *Sagrada Escritura*, que agrupa cerca de dez grandes obras; b) comentários a Aristóteles, treze; c) obras sistemáticas, o conjunto de maior abrangência temática, cinco; d) opúsculos, cerca de quatro dezenas; e) obras várias. Bastaria citar a *Suma Teológica* para garantirmos o sucesso desta abordagem.

Contudo, estas perspectivas ganham novo sentido se aprofundarmos inicialmente a originalidade do pensamento de Santo Tomás. Esta consiste na descoberta de um princípio filosófico, o ser, que torna o mestre medieval um mestre da

metafísica contemporânea, no sentido que o insere num debate realmente atual. É esta abordagem que devemos seguir e compará-la, ainda que brevemente, com os problemas e as correntes de pensamento de nosso tempo.

Originalidade

A tese central de interpretação do pensamento de Santo Tomás pode ser mais bem entendida excluindo duas hipóteses que, embora imprecisas, não estão ausentes na história do tomismo. São elas: a tendência a considerar o tomismo como mero aristotelismo; e a postura que defende que Santo Tomás procurou realizar uma síntese entre elementos inconciliáveis, que seriam a filosofia de Platão e de Aristóteles. Ao contrário, defende Cornelio Fabro, o tomismo é verdadeira síntese entre aristotelismo e platonismo, justamente porque Tomás demonstrou que os princípios da tradição platônica só se sustentam na base da metafísica aristotélica.

E o princípio original dessa sustentação metafísica da realidade é o ser. O ser, *esse* em Latim, entendido como *ato de ser*, revela-se como perfeição emergente em relação a qualquer ato, a qualquer perfeição das coisas. O ato em sentido próprio é o *ato de ser*. Todos os outros sentidos de perfeição e de ato tomam do *ser como ato* sua analogia. É a partir daí que se pode entender tanto a primazia do *ser* sobre qualquer outro ato formal como o tema da intensidade do ser em Tomás de Aquino.

O ato de ser, descoberto por Tomás, é atingido por um percurso que revela, por um lado, o processo histórico do aprofundamento metafísico ocidental, e por outro a própria estrutura metafísica dos entes, de modo que de ato em ato, ou seja, do ato accidental ao ato substancial e deste ao ato formal, se atinge o *ser* qual ato último, ato de todos os atos. É o que se depreende dos textos do próprio Tomás:

O próprio ser é o que há de mais perfeito em todas as coisas, é comparado a todas como seu ato. Nada, portanto, tem atualidade a não ser enquanto é, donde o próprio ser é a atualidade de todas as coisas e até mesmo das próprias formas. Donde não é comparado às outras coisas como o recipiente ao recebido, mas antes como o recebido ao recipiente. Quando, pois, digo o ser do homem ou do cavalo ou de qualquer outra coisa, o próprio ser é considerado como formal e recebido e não como aquilo a que compete o ser¹.

Dessa tese fundamental, decore outra, a da distinção real entre ser e essência nos entes, conforme o que se lê, por exemplo, nesta passagem da Suma contra os gentios:

As coisas não se distinguem entre si segundo possuem o ser, porque o ser convém

¹ TOMÁS DE AQUINO. Suma Teológica I, q. 4, a. 1, ad 3m: *Ipsum esse est perfectissimum omnium, comparatur enim ad omnia ut actus. Nihil enim habet actualitatem, nisi in quantum est, unde ipsum esse est actualitas omnium rerum, et etiam ipsarum formarum. Unde non comparatur ad alia sicut recipiens ad receptum, sed magis sicut receptum ad recipiens. Cum enim dico esse hominis, vel equi, vel cuiuscumque alterius, ipsum esse consideratur ut formale et receptum, non autem ut illud cui competit esse.* Tradução acima própria do autor.

a todas elas. Se elas diferenciam-se umas das outras convém ou que o próprio ser seja especificado por diferenças que lhe são acrescentadas, de modo a haver, nas coisas diversas, ser especificamente diversificado, ou que elas se diferenciem porque o ser atribui-se a naturezas especificamente diversificadas. A primeira suposição é impossível porque ao ser não se pode acrescentar algo conforme o modo pelo qual a diferença acrescenta-se ao gênero, segundo foi dito. Portanto, resta que as coisas diferenciem-se por possuírem naturezas diversas, pelas quais o ser é recebido diversamente².

Tomás atinge aqui o ápice da investigação da filosofia cristã, a maior síntese entre razão e fé conquistada pela razão humana. Seria isto um sinal de atualidade? É preciso que estejamos

² IDEM. *Suma contra os gentios* I, c. XXVI: *Res ad invicem non distinguuntur secundum quod habent esse: quia in hoc omnia conveniunt. Si ergo res differunt ad invicem, oportet quod vel ipsum esse specificetur per aliquas differentias additas, ita quod rebus diversis sit diversum esse secundum speciem: vel quod res differant per hoc quod ipsum esse diversis naturis secundum speciem convenit. Sed primum horum est impossibile: quia enti non potest fieri aliqua additio secundum modum quo differentia additur generi, ut dictum est. Relinquitur ergo quod res propter hoc differant quod habent diversas naturas, quibus acquiritur esse diversimode.*

atentos à sensibilidade de nosso tempo para podermos falar de atualidade.

Diagnóstico da Atualidade

Para que se perceba a situação filosófica de nosso tempo, pode-se recorrer às considerações de Habermas, justamente no que diz respeito aos modelos da sociedade contemporânea. Segundo o filósofo alemão, esta é, ao menos em filosofia, uma era pós-metafísica e por tal entende um pensamento essencialmente pluralista e falibilista, ao contrário do pensamento "moderno", que "não é nem falibilista como as ciências, nem pluralista como as interpretações da vida que, na modernidade, não aparecem senão no plural"³. O filósofo alemão indica uma quadrúplice caracterização de uma nova teoria da sociedade: 1) a radicalização da corrente lógico-lingüística (Frege); 2) a posta em situação da razão (Dilthey, etc.); 3) o abandono do logocentrismo (# agir); 4) a aposentadoria

³ HABERMAS. p. 273.

da visão totalizante da filosofia da reflexão, incluindo-se ela mesma no mundo. Um texto seu, especialmente lúcido, merece ser citado para tornar-se mais concretas e evidentes os itens acima mencionados:

Após a metafísica, a teoria filosófica perdeu seu status extraordinário. Os conteúdos explosivos e extraordinários da experiência emigraram para a arte, que se tornou autônoma. Entretanto, mesmo após este processo de deflação, o dia-a-dia totalmente profanizado não se tornou imune à irrupção de acontecimentos extraordinários. A religião, que foi destituída de suas funções formadoras de mundo, continua sendo vista, a partir de fora, como insubstituível para um relacionamento normalizador com aquilo que é extraordinário no dia-a-dia. É por isso que o pensamento pós-metafísico continua coexistindo ainda com uma prática religiosa. E isto não no sentido de uma simultaneidade de algo que não é simultâneo. A continuação da coexistência esclarece inclusive uma intrigante dependência da filosofia que perdeu seu contato com o extraordinário. Enquanto a linguagem religiosa trazer consigo conteúdos semânticos inspiradores, que não podem ser jogados fora, que escapam (por ora?) à força de expressão de uma linguagem filosófica e que continuam à espera de uma tradução para

discursos fundadores, a filosofia, mesmo em sua figura pós-metafísica, não poderá desalojar ou substituir a religião⁴.

E Habermas defende uma filosofia do diálogo que dê conta destas exigências e do percurso contemporâneo do filosofar. Que tem, pois, a religião a dizer sobre esta perspectiva? Um estudo recente é a referência mais importante, no âmbito da filosofia, para se descobrir a exigência cultural de nossa época em relação à religião. Trata-se da obra do filósofo canadense Charles Taylor, especialmente em *Uma Era Secular*.

Se, por um lado, como aponta Taylor, o nosso tempo é caracterizado pelo reconhecimento universal autenticidade, em oposição à hipocrisia moral e religiosa do Ocidente, e, por outro, pelo surgimento, nesta era secular, de novas espiritualidades, em oposição às religiões institucionais, é justo perguntar à teologia cristã, sobre as razões que nos levaram a tal situação, assim como sobre

⁴ HABERMAS, Jürgen. *Pensamento pós-metafísico*, p. 61.

o verdadeiro campo espiritual em que vivemos e as possíveis soluções para a mensagem da fé, mediada ou não pela reflexão teológica. Como coadunar estas instâncias da sociedade contemporânea com as novas características do secularismo descritas por Taylor em *Uma Era Secular*? Nesta obra, Taylor apresenta-nos o diagnóstico de nosso tempo e nos sugere uma questão que nos ajuda a percorrer o caminho por ele proposto: por que é difícil crer hoje quando até o século XIV era impossível não crer?

A base imediata em que se pauta a discussão contemporânea e a posição de Taylor pode ser definida a partir do conceito de autenticidade exposto, sobretudo, na obra *Ética da Autenticidade*. Taylor elabora o problema na forma de alternativas que seriam excludentes para algumas tendências da filosofia atual, mas que ele, contudo, defende como inclusivas: uma alternativa chamada de (A) defende que a autenticidade envolve criação e construção, originalidade e oposição às

regras da sociedade; a outra, (B), “requer abertura aos horizontes de significado e autodefinição no diálogo (Cf. op.cit., p. 73).

É verdade que estas exigências de autenticidade, no âmbito do pensamento cristão, foram assinaladas pelo filósofo e teólogo italiano Antônio Rosmini na primeira metade do século XIX:

A Pregação e a Liturgia eram, nos melhores tempos da Igreja, as duas grandes escolas do povo cristão. A primeira ensinava aos fiéis com as palavras, e a segunda, com palavras e ritos, e entre estes, principalmente aqueles com os quais o seu Instituidor divino acrescentou efeitos sobrenaturais especiais, isto é, o Sacrifício e os Sacramentos⁵.

⁵ ROSMINI, Antonio. *Delle cinque piaghe della santa Chiesa*, cap. II, n. 24, p.79: *La predicazione e la liturgia erano nei più bei tempi della Chiesa le due grandi scuole del popolo cristiano. La prima ammaestrava i fedeli colle parole; la seconda le parole insieme con i riti; e fra questi, principalmente con quelli a cui il loro divino Istitutore aggiunse particolari effetti soprannaturali, cioè a dire il Sacrifício ed i Sacramenti.*

Os “melhores tempos” a que se refere Rosmini, como se sabe, é o período patrístico. Ele justifica o seu juízo, aponta suas razões no parágrafo que se segue:

Tanto um quanto outro desses ensinamentos era pleno: não se dirigia apenas a uma parte do homem, mas ao homem todo, e, como dissemos, penetrava-o, conquistava-o. Não eram vozes que se fizessem entender apenas pela mente, ou símbolos que não tivessem poder senão sobre os sentidos, mas fosse o caminho da mente, fosse o dos sentidos, um e outro ungiam o coração, e infundiam no cristão um alto sentimento de toda a criação, misterioso e divino...⁶

Já no século XIX, Rosmini, que foi chamado de o novo Agostinho e o novo Tomás, elaborava estas questões:

⁶ ROSMINI, Antonio. *Delle cinque piaghe della santa Chiesa*, cap. II, n. 24, p.79-80: *Sia l'uno che l'altro di questi ammaestramenti era pieno: non si volgeva solo ad una parte dell'uomo, ma a tutto l'uomo, e, come dicemmo, lo penetrava, lo conquistava. Non erano delle voci che si facessero intendere solo alla mente, o simboli che non avessero altra potenza che sui sensi; ma sia per la via della mente, sia per quella dei sensi, le une e gli altri ungevano il cuore, e infondevano nel cristiano un alto sentimento su tutto il creato, misterioso e divino...*

Ah chi restituirà alla Chiesa un tal metodo, che è il solo degno di lei? Chi renderà alle scuole dei sacerdoti i suoi grandi libri, e i suoi grandi precettori? Chi sanerà, in una parola, la piaga così profonda della insufficiente educazione del clero, che indebolisce tutto il giorno, e fa mandar lamentosi gemiti alla bella Sposa di Cristo? Non altri se non l'episcopato: a lui fu affidato il reggerla, a lui dato il potere miracoloso di sanarla inferma: ma a lui unito insieme, e non fra sé spezzato e diviso. L'episcopato tutto si richiede alla grande opera, congiunto in un solo volere, con una sola operazione⁷.

Rosmini chama a atenção, antes de tudo, para o método próprio da vida cristã. Refere-se ao método dos Padres, mas não exclui aqueles pensadores que, em sua época se fizeram seguidores desses grandes mestres e se tornaram eles próprios “grandes preceptores”. Por isso mesmo, refere-se aos grandes livros da tradição cristã que hão de ser restituídos, sobretudo ao clero, que lhe parecia distanciado dessas fontes. Diz ainda que é

⁷ ROSMINI, Antonio. *Delle cinque piaghe della santa Chiesa*, cap. II, n. 46, p.113.

da responsabilidade dos bispos restaurar esse acesso ao manancial da tradição cristã.

Rosmini era igualmente um grande defensor do diálogo ecumênico e do diálogo religioso. Também esta sua intuição ficou consagrada no Concílio Vaticano II. Trata-se de redescobrir o patrimônio da vida cristã original que a cultura atual exige. Este patrimônio é verdadeira escola de diálogo, exigência maior de nosso tempo. Daí, o ecumenismo e o diálogo religioso, aprendidos a partir das próprias fontes da vida cristã. Neste ponto, o tomismo também precisa ser atualizado.

Encaminhamento

Então é o momento de reavaliar a situação da harmonia entre razão e fé. Creio que ela sairá mais fortalecida depois de toda a crise da separação. E creio que a encíclica de João Paulo II tocou no ponto principal, o ponto de convergência, onde se poderá encontrar essa harmonia, a filosofia do ser.

Do ponto de vista conceitual, o recurso à filosofia do ser parece oferecer as maiores possibilidades para o diálogo. Ela deve ser a base, o ponto de partida do filosofar e também o seu termo, conforme uma passagem ilustrativa da citada encíclica:

Se o *intellectus fidei* quer integrar toda a riqueza da tradição teológica, tem de recorrer à filosofia do ser. Esta deverá ser capaz de propor o problema do ser segundo as exigências e as contribuições de toda a tradição filosófica, incluindo a mais recente, evitando em cair em estéreis repetições de esquemas antiquados. No quadro da tradição da metafísica cristã, a filosofia do ser é uma filosofia dinâmica que vê a realidade nas suas estruturas ontológicas, causais e inter-relacionais. A sua força e perenidade derivam do fato de se basear precisamente no ato de ser, o que lhe permite uma abertura plena e global a toda a realidade, superando todo e qualquer limite até alcançar Aquele que tudo leva à perfeição. Na teologia, que recebe os seus princípios da Revelação como nova fonte de conhecimento, esta perspectiva é confirmada pela re-

lação íntima entre fé e racionalidade. §
97.

Seria de estranhar que enquanto a filosofia tem apontado na história recente, nos últimos duzentos anos, para uma ulterioridade, os cristãos continuassem a negar ou a ignorar as possibilidades da filosofia cristã, ou da retomada da harmonia entre razão e fé.

Em conclusão, três tópicos foram aqui defendidos na perspectiva do debate sobre a atualidade de Tomás: a metafísica tomista do ser reinterpretada dentro da tradição patrística; a plenitude da mensagem cristã em meio aos problemas e às pequenas plenitudes observadas por Habermas e Taylor; e o diálogo na sociedade aprendido no diálogo ecumênico desenvolvido pelos cristãos ao longo do século passado. E isto nos remete, em parte, a Rosmini. E, embora este pensador do século XIX tenha no Vaticano II a realização de muitas de suas propostas, suas questões são atuais para o exercício do pensamento cristão, como:

quem restituirá tal método (patrístico e, em certa medida, tomista) à Igreja? Ou ainda: quem devolverá às escolas dos sacerdotes seus grandes livros e seus grandes preceptores? Aqui foram apresentadas algumas propostas no sentido de responder a questões como estas. Enfim, o tomismo atual é o tomismo ecumênico.

Referência Bibliográfica

CORETH, Emerich et alii. *La Filosofia Cristiana nei secoli XIX e XX*; II: Ritorno all'eredità scolastica. Roma: Città Nuova Editrice, 1994.

ELDERS, Leo J. *La Metafisica dell'essere di San Tommaso d'Aquino in una prospettiva storica*. Vol. I. Cidade do Vaticano: Lib. Edit. Vaticana, 1995.

FABRO, Cornelio. *Introduzione a San Tommaso; La metafisica tomista & il pensiero moderno*. Milano: Ares, 1997.

_____. *Neotomismo e Suarezismo*. Segni: Ed. del Verbo Incarnato, 2005.

_____. *La nozione metafisica di partecipazione*. Turim: 1939.

_____. *Participation et Causalité selon Saint Thomas d'Aquin*. Louvain: P. U. de Louvain, 1960.

_____. *Esegesi tomistica*. Roma: P. U. Lateran., 1969.

_____. *Tomismo e Pensiero Moderno*. Roma, P. U. Lateran., 1969.

_____. “Santo Tomás de Aquino: ontem, hoje, amanhã”. *Hora Presente*. São Paulo, ano VI, nº 16, p.246-254, 1974.

_____. *Riflessioni sulla libertà*. Rimini: Maggioli, 1983.

HEIDEGGER, Martin. *Nietzsche*. Paris: Gallimard, 1984.

JOÃO PAULO II. *Fides et Ratio*. São Paulo: Loyola, 1998.

PANGALLO, Mario. *L'essere come atto nel tomismo essenziale di Cornelio Fabro*. Cid. do Vaticano: L. Ed. Vaticana, 1987.

PROUVOST, Géry. *Thomas d'Aquin et les thomistes*. Paris: Du Cerf, 1996.

ROSMINI, Antonio. *Delle cinque piaghe della santa Chiesa*. Roma: Città Nuova, 1999.

YOVEL, Yirmiahu. *Spinoza et autres hérétiques*. Seuil: Paris, 1989.

ZUCAL, Silvano (org). *Cristo na filosofia contemporânea*. Vol. I. São Paulo: Paulus, 2003.

Referência Bibliográfica Complementar

CONCÍLIO VATICANO II. *Optatam Totius*. Petrópolis: Vozes,

DI VONA, Piero. *Studi sulla Scolastica della Controriforma*. Florença: Nuova Italia, 1968.

HABERMAS, Jürgen. *Pensamento pós-metafísico*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990.

MARION, Jean-Luc. *Au lieu de soi: L'approche de Saint Augustin*. Paris: Epiméthée, 2008.

MOREROD, Charles. *Ecumenism and Philosophy: Philosophical Questions for a Renewal of Dialogue*. Sapientia Press, 2006.

TAYLOR, Charles. *Uma Era Secular*. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2010.

_____. *A Ética da Autenticidade*. São Paulo: É Realizações, 2011.

Memória do Centro Dom Vital

Prof. Robson de Oliveira Silva

Membro do Centro Dom Vital

Se o adágio revela algo da realidade e a história é mesmo mestra de vida, as novas gerações de leitores de *A Ordem* precisam ter acesso ao espírito que deu forma a um dos mais importantes movimentos da intelectualidade cultural e cristã do Brasil. Para que se compreenda um pouco do intrincado cenário cultural no qual nos encontramos, importa bem conhecer as raízes fecundas do Centro Dom Vital por meio de seus mais importantes porta-vozes.

Por esse motivo, a edição 98 de **A Ordem** trará dois textos que estão na genealogia do CDV. Datam da década de 1920, a primeira década de publicação da revista,

O primeiro texto, do fundador Jackson de Figueiredo, informa a seus leitores assim como a

seus colaboradores o objetivo desse periódico, o que se pode esperar e o que não se deve absolutamente esperar desse veículo, que pretende ser primariamente uma ponte de diálogo da intelectualidade católica com a sociedade.

O outro texto, igualmente do fundador do CDV, trata do fim de uma batalha: o segundo ano de edição e publicação do periódico. Com esse período inicial superado, Jackson de Figueiredo lembra aos céticos: ainda “estamos aqui”! Esse brado ecoou por décadas e continua a reverberar a cada volume de **A Ordem**.

Por que “A Ordem” não pode ser noticiosa

Jackson de Figueiredo

Novembro de 1922

Recebemos uma carta do Exm^o Sr. Bispo de Guaxupé, Dom Ranulpho da Silva Farias, em que S.Ex^a. nos incita a criarmos em nossa revista uma seção noticiosa da vida religiosa do país. As ponderações de S.Ex^a., feitas com tanta inteligência, calaram profundamente em nosso espírito e foram objeto de longas meditações, depois das quais, resolvemos atendê-las, para quando porém “A Ordem” deixar de ser, como até hoje, uma revista mensal. O grande interregno que se registra de um para outro número da “A Ordem” nos aconselha justamente a abster-nos de pôr em prática imediatamente as sugestões do ilustre

[Por que “A Ordem” não pode ser noticiosa]

Prelado, porque prejudicaria o seu maior mérito que é o da oportunidade.

Deste modo, pensamos que só nos devemos ocupar dos acontecimentos de certo vulto, cujo interesse seja do Brasil inteiro e cujas consequências possam ter relevo em nossa vida.

Presentemente a nossa revista tem de se restringir ao seu papel puramente doutrinário. O que julgamos imprescindível é dar um maior desenvolvimento à sua feição panfletária. Escrevemos sem medo esta palavra. Nós não queremos nem podemos ser escravos do convencionalismo, infelizmente reinante nos meios católicos, nem ridículos batalhadores de justas de galanteio. Bem sabemos que a palavra serena, o discurso polido, impressionam, convencem algumas vezes. Tanto assim que em nossas colunas jamais negamos ou negaremos acolhida a essa espécie de doutrinação.

Conhecendo, porém, a psicologia humana, sabemos que só os temperamentos de elite se dei-

xam influenciar pela cordura. Daí a ineficiência deste sistema, provada e comprovada, na sua atuação sobre as massas, inclusive as massas pensantes. No Brasil, então, o que ele vale pode-se avaliar pelos seus resultados nesta República de patifes audaciosos e sensatíssimos covardões.

Não há negar que a vitória em todos os domínios, pertence aos primeiros.

Ora, a Igreja Católica não foi instituída para meia dúzia de indivíduos. É preciso levar ao seu seio toda a humanidade. Mas se este programa parece inexequível, ao menos cumpre que, levemos para dentro dela todos os católicos, ou ainda o maior número de católicos.

E não se pode negar que esse maior número está pelo menos, no Brasil, com a consciência positivamente em letargo.

Sua fé, as energias do seu espírito se dissolvem nesse ambiente de frouxidão e de inércia que caracteriza os nossos meios católicos. De concessão em concessão o católico entre nós conquistou a

[Por que "A Ordem" não pode ser noticiosa]

triste glória de encarnar o tipo do "liberal", isto é: da mediocridade, das meias ideias, do comodismo, etc. O católico no Brasil é um indivíduo que faz as maiores e as mais absurdas restrições à sua fé, e que chegou à suma perfeição de ignorar os rudimentos de sua doutrina. Socialmente é tão idiota que às vezes pode ser confundido com um teosofista.

Por isto é o dinheiro do católico que sustenta a chamada imprensa neutra, inimiga natural da Igreja. É o dinheiro do católico que faz a fortuna dos escritos licenciosos pois é com esse dinheiro que se esgotam edições sobre edições dos João do Rio, Humberto de Campos, etc. É com o seu dinheiro que proliferam os cinemas e os teatros imorais. E é com a sua convivência que o Estado nos pretere e nos avilta.

Eis a triste verdade, visto que nós somos a maioria!

E esta situação não se criou por falta de evangelização serena da verdade. Graças a Deus

não se emudeceram em nossos templos as vozes dos nossos sacerdotes. Nem a imprensa católica é uma novidade no Brasil.

Mas os católicos continuam cada vez mais estranhos, mais indiferentes aos problemas que o interesse da Igreja e a salvação das nossas almas formaram no país.

Deste modo, é patente que precisamos mudar de rumo, queremos disser, de processos, de medicação. Provada a ineficácia dos agentes da terapêutica ordinária, é o caso agora de apelar-mos para os drásticos, para os revulsivos, esperando assim provocar uma reação enérgica.

Não nos iludimos supondo que esta reação não se faça muitas vezes contra nós. Mas não importa porque mesmo assim ela será benéfica pois que é indício de que novo sangue circula nas veias desse organismo combalido. O que nos mata é a apatia, é a imobilidade, é uma quase ataraxia moral.

[Por que "A Ordem" não pode ser noticiosa]

Cumpramos ainda não nos enganarmos com os triunfos que vamos registrando como o do Congresso Eucarístico. Eles atestam apenas que somos uma grande força no país. Mas não invalidam a afirmação de que somos uma forma ineficiente, por culpa nossa, exclusivamente. Pelo menos no terreno das decisões políticas, de um país em que somos maioria absoluta. E a prova é que os nossos dirigentes, como frisou o eminente Arcebispo D. Sebastião Leme, transmitem o seu triste agnosticismo às leis que forjicam para a nossa obediência com o maior desprezo pela nossa condição de filhos da Igreja.

Depois disto não sabemos se ainda é preciso justificar a nossa ação panfletária. Mas não terminamos sem agradecer ao ilustre Prelado de Guaxupé, ilustre pela inteligência e pelo zelo apostólico, as demonstrações de interesse e de simpatia com que tem honrado os humildes obreiros desta tenda de trabalho.

Vencido o segundo ano...

Jackson de Figueiredo

Julho de 1923

Aqui estamos, senhores lambisgoias do ceticismo, aqui estamos, oh! dançarinos da frivolidade, oh! gatos pingados do pessimismo, tal como veem, bastante fortes ainda para continuar a tarefa, que nos impusemos de dizer-lhes cara a cara que vocês todos, sem exceção, são miseráveis traidores, da nobre destinação social, que Deus, respeitando-lhe a liberdade, propõe ao povo brasileiro, e do modo mais claro, desde os primeiros dias de sua história.

Está vencido o segundo ano de vida de “A Ordem”, sem que nos tivesse falecido a coragem de manter integral o programa que nos traçamos, e não há inimigo da Igreja e da ordem social neste país, que não nos tenha tido como inimigos francos e declarados. Esta revista tem sido assim o

instrumento, aparentemente frágil, mas realmente valioso, das ideias e sentimentos que vão congregando a mocidade intelectual conscientemente católica, em derredor da memória de Dom Vital, o grande Bispo que encarnou, em nosso país, a reação da verdade contra o erro, que foi o mártir desta gloriosa campanha do caráter nacional contra a mentira de pés de lã e sorriso hipócrita, que é a alma do maçonismo universal aqui implantado, desde os primórdios da nossa vida livre.

Sem esquecer o apoio, com que nos têm honrado alguns dos mais valentes membros do Episcopado brasileiro, nem o carinho de muitos sacerdotes e leigos, de todas as partes do Brasil, é ainda uma verdade que é difícil, difficílissima a nossa vida material, e que a única fortuna da “A Ordem” e do Centro Dom Vital, até hoje adquirida, é a grande soma de experiência, que vamos juntando, e o hábito da oração em comum que, graças a Deus, vamos, todos, livremente aceitando como resplendor de humildade e íntima segurança à

rude labuta intelectual, nesta nossa pobre pátria corroída pelo agnosticismo dos seus governos.

Mas, como diz Henry du Roure, “todo o futuro não depende de uma vitória ou de uma derrota; a derrota não imobiliza os países que vivem; a vitória não faz reviver os que estão morrendo”.

Temos convicção, apesar de todas as mentiras presentes, que o Brasil está entre as nações que sofrem, mas progridem, isto é, entre as nações ainda realmente vivas, vivas em Jesus Cristo, nesta hora de terror e de morte para tantas outras que, parece, em essência o renegaram, o que quer dizer, que à vida e a si próprias também.

Eis porque lutamos e lutaremos, lutaremos sem descanso, e não só pela salvação da alma de cada um de nós, como filho de Jesus Cristo, mas pelas almas todas, que fazem a grande alma brasileira, fraternidade que no mesmo amor de Jesus se fecunda e cresce, e no seio amantíssimo da Igreja Católica se tem exteriorizado e se exteriorizará, soberanamente, na história do mundo.

Foi o padre Gratry quem disse que “os mortos refazem em Deus todas as forças e todas as energias da vida, e a sua secreta inspiração fala aos vivos uma misteriosa linguagem”.

Ora, o Brasil dos Jesuítas, o Brasil de Nóbrega e Anchieta, dos heróis que aqui, em face da violência e do crime, ousaram a criação de “um povo em sinceridade”, esse Brasil que deles a Dom Vital, se acha hoje aos pés de Deus, esse Brasil nos diz, aos ouvidos de nossa alma: lutar, lutar sempre, é preciso fazer desta grande pátria o mais formidável testemunho do divino poder da Igreja na ordem social e política assim como na puramente individual.

E nós lutaremos!

Já temos certeza de que um ano mais, pelo menos, “A Ordem” viverá, em serviço da santa causa que o seu nome traduz. E enquanto viver “A Ordem”, o Centro Dom Vital, até agora, impedido, por falta de recursos materiais, terá assegurado este pouco de vida exterior, que o vão im-

pondo, nos domínios da vida intelectual brasileira, como coordenador de energias e apurador de valores espirituais verdadeiramente cristãos.

A nossa obra é, em verdade, como toda obra realmente inspirada pela Igreja, em toda a extensão do mundo ocidental, uma obra de rigorosa seleção, de joeiramento, de apuração em fim. É necessário reanimar-se o senso e o amor das tradições do Ocidente, e o Brasil não pode fazer exceção à regra. Mas aqui, como em toda a parte, a tradição, como diz Petitot, não se pode impor só porque é tradição. “Não é porque são tradicionais que as opiniões são razoáveis; é porque são razoáveis que são tradicionais. As falsas tradições têm que ser combatidas como tudo o que é falso, e, no Brasil, até mesmo no seio do catolicismo, há algumas não menos falas que as que, declaradamente, são filhas do erro e do crime contra Deus e os homens.

Tais tradições, que aqui se apresentam ufanas do nome de liberais, como se o liberalismo não

fosse doutrina condenada pela Igreja, são a força mais séria do maçonismo, fazem o ambiente de todos os negativismos, de todos os agnosticismos, de que somos vítimas.

É preciso combatê-las e ainda com mais vigor que os erros de campos objetivamente opostos ao nosso, e por isto que elas são os nossos piores inimigos, os que estão dentro dos nossos muros, os que revelam não só a fortaleza dos que nos são contrários, mas também as nossas íntimas fraquezas.

Temos em horror toda e qualquer espécie de pedantismo, máxime o que tangencia pelo profetismo profissional. Não fazemos profissão de profetas. Mas isto não nos impede de tirar ao presente algumas conclusões que interessam ao futuro, ou dão deste a máxima probabilidade.

Pois bem, mais uma vez, é com amargura o que dizemos: é preciso ter a coragem de repelir para sempre do seio da sociedade brasileira, a tendência teosófica da tolerância em face das ne-

gações da nossa fé. É preciso combater a laicização do nosso organismo político e a indiferença dos nossos maiores instrumentos de doutrinação social.

Se isto não se iniciar já e já, dentro em pouco, qualquer vitória custar-nos-á lágrimas de sangue, se é que Deus ainda nos julgará dignos dela.

O programa é simples. É formar incondicionalmente em derredor dos Príncipes da Nossa igreja, exercitamo-nos em obediência e respeito, e, sem maiores preocupações, aconteça o que acontecer, repelir toda e qualquer insinuação da anarquia contemporânea, todo e qualquer compromisso teórico com os doutrinários da política ateia, o que quer dizer, ateisante.

É-nos grato recordar aqui algumas das sábias e luminosas, firmes e bem medidas palavras de S.Excia. o Sr. Cardeal Arcebispo ao assumir o governo desta Arquidiocese: "... quando as revoluções quiseram abater o princípio fundamental da autoridade e tirar às leis sua majestade suprema,

negaram à autoridade a origem sobrenatural e a imagem de Deus, e às leis a sanção divina; e proclamaram a mal entendida liberdade de consciência”.

“Assim, feita completa abstração da consciência e da intervenção divina no governo e nas leis civis, ficaram o coração dos súditos dois sentimentos somente que lhes impõem a obediência: o interesse e o temor; e a autoridade suprema de nada mais pôde dispor para fazer-se obedecer senão da força material!”

“De sorte que, no momento em que o temor vier a desaparecer nos súditos, e o interesse puder com sucesso reclamar seus direitos conculcados e oprimidos pela força material, o último indivíduo do povo poderá apegar a autoridade suprema de sua curul e ocupar-lhe o lugar. De outro lado, a suprema autoridade que por si não tem senão a força material ou se tornará tirana ou será reputada como tal; em uma e outra hipótese,

qualquer de seus súditos julga possuir o direito de vida e de morte sobre o tirano que o oprime”.

“São estas, honrados cidadãos, as consequências sinistras e perniciosas do desastrado regime ateu, em má hora inaugurado neste belo e grande país!”

“Donde resulta, que, neste regime, nenhum elemento de vida pode ter o governo, nem de prosperidade nem de subsistência normal. Logo o verdadeiro e puro sentimento patriótico vos deve sugerir a medida inadiável, como a todo o Brasileiro fiel às santas tradições de seu país, de, pelos meios legais, expungir-se de nossa Carta Constitucional essa nódoa execrável, que a torna monstruosa...”

Eis exposto, do modo mais consciencioso e mais brilhante, o que devemos ter sempre em vista diante do que ainda hoje se apresenta como o ponto principal de um programa radicalmente católico, sobre a base do qual se faz mister desenvolver-se a ação intelectual de revisão e definição

dos funestíssimos erros, que perturbam a economia social da pátria brasileira.

Também o ambiente météque, que é onde, de imitação em imitação, se caldeou a desmoralização agnóstica dos nossos dirigentes, urge que seja completamente anulado, e o deve ser por nós, católicos, únicos capazes de um são e equilibrado nacionalismo.

Ademais, não só constituímos a única força capaz de tal empreendimento, como somos justa e infelizmente os mais desmoralizados, os mais desonrados, se, em meio da responsabilidade geral, nos cabe a mais pequena parcela na conservação de tal estado de coisas.

Eis o que em 1901 escrevia o eminente Barbosa Lima: “A verdade, porém, cada vez mais sentida pelos brasileiros, é que há entre nós estrangeiros que, tornando-se poderosos, depois de haverem haurido todos os benefícios de que é pródigo o Brasil, mancomunam-se, organizam-se em lojas e irmandades...”.

Não é necessário citar o resto daquele tremendo libelo. Basta-nos a triste, a monstruosa, a miserável composição de lojas e irmandades, realmente existente em nossa pátria, e ainda hoje, como há vinte anos atrás, para que nos compenestremos do grave perigo que ameaça a sociedade brasileira, pois não há maior prova de moléstia grave num organismo social, que essa mistura amigável da verdade com o erro.

Mas, como dissemos acima, tudo nos leva a crer que a reação contra tal estado de coisas se vai acentuando no Brasil, o que significa que este ainda não penetrou os domínios da morte.

Nós, de “A Ordem”, pelo menos, não nos limitamos a crer nessa alvissareira, salutar, única salutar reação. Fazemo-la, nós próprios, na medida de nossas forças. Estamos convictos de que ainda mais fecundo será o nosso labor nesse terceiro ano, que vamos entrar. À imensa bondade de Dom Sebastião Leme e à sua confiança nos nossos propósitos, já devemos quase que a garan-

tia mesma de que o Centro Dom Vital (e “A Ordem”, por conseguinte) vai mover-se sobre uma mais larga e segura base material, que outra coisa, esperamos em Deus, não resultará da Tombo-la que com a sua benção será lançada em breve pelo Centro em busca da generosidade e, sobretudo, da inteligência católica, em nosso país, de inteligência dizemos, porque estamos certos de que, a quem apreenda bem os fins sociais do Centro Dom Vital, não moverá só generosidade mas também a compreensão de que ele representa, de fato, uma necessidade do país, e, como tal, é digno de ajuda.

Seja como for, porém, a nossa luta vai continuar. E aguardem-se os lambisgoias do ceticismo, os dançarinos da frivolidade, os gatos pingados do pessimismo, aguardem-se que a nossa visita não há de faltar aos antros e ninhos da traição e da covardia.

Peçam a Deus por nós os bons católicos deste grande Brasil. E é certo que, se em prol de cada

um desses desgraçados, se erguerá a oração em comum de todos os membros do Centro Dom Vital, não nos poupará “A Ordem” a eles, coletivamente, como núcleos que são de envenenamento e desmoralização de nossa pátria.

[Vencido o segundo ano...]

A Ordem – Nova Série

A revista **A Ordem**, em 1929, inaugurou sua "nova série" com o vol. 1 do ano VIII e, por sua vez, cinquenta anos depois, em 1979, já estava no volume 73 do ano LVIII. Enquanto a sequência de "anos" manteve-se regular, o mesmo não se pode perceber com relação aos volumes, aos números/às edições. A revista já foi mensal, semestral e bienal, o que modificou grandemente a sequência dos volumes. Caso tomássemos como referência o ano de 1979, o atual volume deveria ser 108 e não 98.

Por isso, a "nova série" inaugurada em 2014 terá pelo menos dois números por ano, resguardando o centésimo volume para 2016, centenário da carta pastoral de Dom Leme que deu origem ao Centro Dom Vital e A Ordem. Assim, preten-

[A Ordem – Nova Série]

demos publicar em 2016 o volume 100 do ano 95 da revista A Ordem

Em esquema, a sequência das próximas publicações:

Ano XCIII, vol. 98, n. 1, 2014 (nova série)

Ano XCIII, vol. 98, n. 2, 2014

Ano XCIV, vol. 99, n. 1, 2015

Ano XCIV, vol. 99, n. 2, 2015

Ano XCV, vol. 100, n. 1, 2016

Ano XCV, vol. 100, n. 2, 2016